



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

SHEILA FEITOSA SILVA

**A LITERATURA ESTÁ EM TODO LUGAR: IMPACTOS DO PROJETO DE
EXTENSAO COLMEIA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM
PRÉ-SERVIÇO**

ARAGUAÍNA/TO
2021

SHEILA FEITOSA SILVA

A LITERATURA ESTÁ EM TODO LUGAR: IMPACTOS DO PROJETO DE EXTENSÃO
COLMEIA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PRÉ-SERVIÇO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – *Campus* Universitário de Araguaína para obtenção do título de Graduada, sob orientação da Prof.^a Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca

Orientadora: Prof.^a Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca

ARAGUAÍNA/TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S5861 Silva, Sheila Feitosa.

A LITERATURA ESTÁ EM TODO LUGAR: IMPACTOS DO PROJETO DE EXTENSÃO COLMEIA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PRÉ-SERVIÇO. / Sheila Feitosa Silva. – Araguaina, TO, 2021.

72 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaina - Curso de Letras - Português, 2021.

Orientadora : Vilma Nunes da Silva Fonseca

Coorientadora : Janete Silva dos Santos

1. Projetos de extensão . 2. Formação de professores. 3. Letramento literário . 4. Círculos de leitura. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SHEILA FEITOSA SILVA

A LITERATURA ESTÁ EM TODO LUGAR: IMPACTOS DO PROJETO DE EXTENSÃO
COLMEIA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PRÉ-SERVIÇO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – *Campus* Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas foi avaliado para a obtenção do título de Graduada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 15 de abril de 2021

Banca examinadora

Prof.^a Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca (Orientadora), UFT

Prof.^a Dra. Janete Silva dos Santos (Examinadora), UFT

Prof.^a Dra. Célia Maria de Medeiros (Examinadora), UFRN

Aos meus pais, irmãs e ao meu pequeno anjo,
Ana Liz.

AGRADECIMENTOS

Finalmente o tão esperado momento, no qual se finalizaram todas as etapas e o trabalho aqui presente consagra o resultado de todo um percurso. Durante esse percurso, passei por momentos que jamais fosse imaginar e me surpreendi com a forma que Deus usou para eu superasse todos.

Conheci pessoas, algumas passageiras, outras mais duradouras, que sempre me deixaram como lembrança muito aprendizado... sorri, porque tive a companhia dos melhores colegas, chorei porque muitas vezes não sabia como venceria o dia seguinte, já exausta do que ainda estava presente...me culpei porque vi os esforços absurdos dos meus pais pra me manter na faculdade...recuperei a força ao pensar neles... precisei de ajuda, me estenderam a mão....ajudei quando achei que podia...conclui que sempre vamos precisar de alguém, de alguma forma.

Honrando a fé que tenho e o carinho e cuidado que a mim foi dirigido, agradeço antes de tudo a Deus.... pois nunca me deixou só, foi o meu amor, meu amigo e minha única esperança...

Aos citados, peço, desde já, que perdoem os possíveis clichês e sentimentalismos. Os clichês são os mais verdadeiros possíveis, e o sentimentalismo foi inevitável...

Sonhei com o dia em que escreveria isso: "sou o resultado da dedicação de muitas mulheres". Sou o resultado do carinho, trabalho e insistência de mulheres fantásticas.... cada uma com um jeitinho especial.

Por ordem lógica e afetiva, a minha mãe... a pessoa que mais se doou em todos os sentidos, como mãe, como mulher, como ser humano. A pessoa a quem a vida e o mundo mais apresentou motivos para desistir de tudo e qualquer coisa, fez brotar carinho e amor, a mim e minhas irmãs... nem sempre consegui sentir suas dores e me compadecer com suas tristezas, mas ela sentiu todas as minhas dores, cuidou de todo o meu caminho e vibrou com cada sorriso meu como se fossem seus.

Às minhas irmãs, todo o carinho e agradecimento do mundo são insuficientes. No decorrer desses anos, meus problemas foram seus, cada uma com seu jeito me sustentaram muitas vezes... a maninha com a firmeza de uma mãe, só alguém com um coração tão puro se colocaria em segundo lugar como tantas vezes fez. A minha irmã caçula, a qual eu deveria cuidar, talvez sem perceber me cuidou muito mais de mim.... sempre entendeu o quanto difícil foi para eu cursar esse curso, nunca reclamou quando nossos pais tinham que escolher com

quem ou onde gastar dinheiro, mesmo que isso significasse que não teria o essencial. /
vocês.

E por último e não menos importante, minha tia, cuja generosidade me permitiu chegar até aqui...

Mesmo sabendo que talvez nunca possa retribuir os gastos e incômodos que causei, me acolheu quando precisei, com casa, comida e carinho. A minha gratidão!

Meu percurso até aqui foi marcado por pessoas especiais, meu pai.... uma das maiores!!! Mesmo tendo tão pouco, as vezes sem o essencial, dedicou todo seu esforço a mim e minhas irmãs...renunciou a tudo que outros homens jamais abriria para me ver na faculdade, como se não bastasse, me recebia sempre com o amor e carinho mais reconfortante...obrigada sempre vai ser pouco.... com quase nada você sempre foi meu tudo.

Aos amigos, que, foram muitas vezes o que a minha família não pode ser com a distância.... sem pedir nada em troca, fez meus dias mais divertidos, e cheios de amor. Obrigada minhas migles.

“Te dei meus fracassos e as vitórias Te darei também.”

Gabriela Rocha

RESUMO

Neste trabalho analisamos as narrativas de quinze professores em formação, todos estes, participantes de um projeto de extensão, denominado Colméia Literária. Esse projeto foi delimitado de modo a proporcionar a leitura literária de forma acessível nos diversos ambientes e para os diversos públicos em que era direcionado, bem como também proporcionar uma experiência inovadora de contato com a leitura e a mediação dos círculos literários, de forma crítico reflexiva promovendo a autonomia. Para tanto, estruturamos um questionário direcionado aos acadêmicos participantes, composto por quatro perguntas livres. Através destas perguntas evidenciamos a presença da relação teoria e prática, a presença de novas experiências e os resultados das atividades do projeto. Sendo assim, neste trabalho analisamos cada uma desses relatos, aqui, devidamente estruturados e delimitados como recortes discursivos, de modo a buscar em cada um deles, regularidades e elementos que evidenciem quaisquer destas contribuições, ou outras declaradas pelos próprios participantes. Consideramos o contexto em que estava inserindo cada informante, ou seja, o local de realização de seu círculo de leitura e o público com que tinha contado, pois estes fatores são determinantes para a compreensão de como esses acadêmicos se articulavam e promoviam a mediação. Considerar esses fatores foram importantes também para compreender a capacidade destes acadêmicos de perceber a influência de elementos históricos e sociais como determinantes para o acesso a literatura e o cultivo do hábito da leitura. E somente, de posse de tais informações, discutir criticamente o impacto deste projeto de extensão na formação destes professores. Durante a análise, promovemos discussões subsidiadas por teóricos diversos, todas essas discussões voltadas ao ensino da literatura e para a formação do professor. Para compormos o trabalho de modo que leitor compreendesse todas as nuances que estão envolvidas o título deste trabalho, fizemos uma breve discussão e apresentação também da extensão universitária, de acordo com os princípios e normas estabelecidos pelo FORPROEX (1987; 2012), e do próprio projeto literário, cuja discussão foi conduzida principalmente por Cosson (2009; 2014).

Palavras-Chave: Extensão universitária. Círculo de leitura. Professores em formação.

ABSTRACT

In this work we analyze the narratives of fifteen teachers in training, all of them, participants in an extension project, named Colmeia Literária. This project was delimited to provide literary reading in an accessible way and for the different audiences that it was directed, as well as to provide an innovative contact experience with reading and mediation of literary circles, in a reflexively critical way promoting autonomy. To this end, we structured a questionnaire directed to participating academics, consisting of four free questions. Through these questions was evidenced the presence of a relationship between theory and practice, the presence of new experiences and the results of the project activities. Therefore, in this work we analyze each one of these reports, here, properly structured and delimited as discursive clippings, to search in each one of them, regularities and elements that evidence any of these contributions, or others declared by the participants themselves. We considered the context in which each informant was inserted, that is, the place where his reading circle was held and the audience he had counted on, cause these factors are decisive for the understanding of how these academics articulated and promoted mediation. Considering these factors was also important to understand the capacity of these students to perceive the influence of historical and social elements as determinants for access to literature and the cultivation of the reading habit. And only, in possession of such information, to critically discuss the impact of this extension project on the process of training in these teachers. During the analysis, we promoted discussions supported by different theorists, all these discussions focused on teaching literature and teacher training. To compose the work so that the reader understands all the nuances involved in the title of this work, we made a brief discussion and presentation also of the university extension, according to the principles and norms established by FORPROEX, and by the literary project itself, whose discussion was mainly conducted by Cosson (2009; 2014).

Keywords: University extension. Reading circle. Teachers in training.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Gráfico 1 – Participantes que responderam a cada pergunta da entrevista	34
---	----

LISTA DE SIGLAS

CL	Colmeia Literária
FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
RD	Recorte Discursivo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O PROJETO COLMEIA LITERÁRIA	15
2.1	A leitura e a literatura na realização do círculo de leitura	17
3	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	19
3.1	Procedimentos metodológicos	19
4	DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	26
5	REFERENCIAL TEÓRICO.....	30
6	ANÁLISE	33
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICE A	63

1. INTRODUÇÃO

Através deste trabalho que se intitula: *A literatura está em todo lugar: impactos do projeto Colmeia Literária na formação de professores em pré-serviço*, temos por objetivo, investigar as contribuições do projeto de extensão Colmeia Literária, já descrito anteriormente, na formação de futuros educadores.

A escolha do tema se deu através das experiências vivenciadas através do projeto de extensão por parte de uma das autoras desta monografia, surgiram da necessidade de compreender a amplitude de tais contribuições deste projeto, na formação dos acadêmicos participantes.

O projeto Colmeia Literária não foi um projeto grande no que diz respeito a estruturas e destaque social, embora surpreendentemente ganhou um destaque maior na sua fase final, mas o fato é que se tratava de uma iniciativa pequena, sem recursos algum, mas foi um projeto que possibilitou descobertas, que possibilitou uma troca mutua com os leitores, fez entender que o trabalho de um agente de letramento, e principalmente literário não se limita aos muros da escola, existe uma responsabilidade social, que é a que o trabalho do professor ultrapasse as paredes da sala de aula, de forma direta, como em atividades de incentivo à leitura como estas, ou indiretas que é através de ações de alunos devidamente formados e conscientizados do seu papel de indivíduos socialmente ativos.

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi a aplicação de entrevistas a dezoito da quantidade total de acadêmicos participantes do projeto, essas entrevistas constituíam-se de quatro perguntas abertas. As respostas destas entrevistas foram analisadas a luz de diversos autores como Rildo Cosson (2014), Michèle Petit (2008), Antoine Compagnon (2009), Olivia da Silva Pires (2011), Willyan Ramon de Souza Pacheco, João Paulo da Silva Barbosa e Dorgival Gonçalves Fernandes (2017). Estes autores constituíram o referencial teórico que subsidiaram o capítulo de análise dos dados, cujos temas presentes são a leitura literária e a formação de professores.

Cosson (2014) compõe a base teórica do Colmeia Literária (CL), dessa forma, ocupa vasto espaço na discussão sobre os círculos literários ou grupos de leitura. Na mesma linha, embora com abordagens diferentes, Petit (2008) também discorre sobre a leitura e a literatura para o público jovem. Ainda falando sobre a leitura e literatura, mas traçando um percurso histórico e discutindo sua posição e valor na modernidade, trazemos Compagnon (2009), que nos ajuda a entender como a leitura literária tem se mantido na sociedade atual. E para fechar

o time de apoio às discussões literárias, trazemos Pires (2011), que fala da manifestação da literatura a partir da contação de histórias.

Ao trazermos esses autores, buscamos mostrar como atividades de extensão contribuem para uma formação crítica e autônoma dos futuros professores, através da pesquisa e contato direto com a prática, assim como os benefícios de tornar a leitura literária parte desse processo.

E por último, mas de importância igual, Pacheco, Barbosa, Fernandes (2017) traz contribuições riquíssimas que nos ajuda a entender a importância da existência da relação teoria prática no processo de formação de futuros docentes. A partir dele, não só conseguimos tecer uma discussão a respeito do tema, como também constituímos um importante material de apoio para a análise.

Embora sejam estes os autores dos quais constituíram o capítulo teórico, temos alguns outros autores que nos ajudaram a moldar discussões paralelas aos temas principais do trabalho que é leitura literária e a formação do professor, essas discussões paralelas estão relacionadas a extensão universitária e a análise de conteúdo.

Para tanto, recorremos a regulamentação de extensão das universidades públicas brasileiras, para compreendermos os preceitos que norteiam as atividades de extensão. E, para a análise de conteúdo, embora não apareça explicitamente na análise, buscamos em Laurence Bardin (1977) conhecimento sobre o que é uma análise e as diferentes formas de fazê-la.

O trabalho está composto estruturalmente da seguinte forma, na primeira parte fazemos uma breve apresentação do projeto Colmeia Literária, logo após discorremos sobre os processos metodológicos e após discutirmos brevemente a extensão universitária, iniciamos o capítulo teórico, seguido do capítulo de análise e das conclusões da monografia.

2. O PROJETO COLMEIA LITERÁRIA

O projeto de extensão Colmeia Literária foi realizado na disciplina de letramento literário no quinto período, sob as orientações da Professora Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca, no qual foi participante a acadêmica escritora deste trabalho, juntamente com os outros alunos da disciplina. O projeto consistia em dividir a turma em doze grupos, cada um com uma denominação particular, sempre em referência a uma espécie de flor típica da região. Cada grupo desenvolveu suas atividades em um local previamente determinado pelos seus integrantes e realizou um círculo de leitura, cujos encontros aconteceram de duas a quatro vezes na semana.

O grupo a qual a acadêmica pertenceu optou por realizar as atividades ao ar livre, no único parque da cidade. No decorrer do projeto algumas convicções foram reforçadas, o que não significa que não houve descobertas, inquietações ou que o projeto não foi surpreendente. Inclusive tão instigante foi esse percurso que resultou no meu tema de pesquisa. Considero importante ressaltar que tivemos que lidar com imprevistos de diferentes ordens e algumas vezes foram necessárias readaptações por nossa parte para dar continuidade às atividades, mas como havia sido proposto, os principais objetivos foram alcançados, principalmente comprovar que a leitura, e neste caso, quando falamos de leitura refere-se a literária, pode ser praticada e estar presente na vida das pessoas em qualquer lugar sem se distanciar dos seus benefícios.

O objetivo principal do projeto era construir círculos de leitura que iriam além dos muros da universidade, e, através destes círculos levar a leitura literária para diversos lugares diferentes de forma a envolver a comunidade e trabalhar na prática as teorias estudadas na academia referente ao letramento literário.

Entre os autores que constituíram a base teórica necessária para dar vida e sistematizar o andamento e funcionamento do projeto, está Cosson (2014) que teoriza sobre os círculos de leitura e orienta sobre a iniciativa fora da escola, desde a seleção das obras a serem lidas, as discussões futuras sobre as leituras e a importância deste tipo de letramento. Neste caso tratava-se de um círculo semiestruturado, onde há uma flexibilização e abertura para as atividades a serem desenvolvidas, contando com um coordenador que controla o andamento das leituras e possíveis discussões abordadas.

Este tipo de círculo não possui propriamente um roteiro, mas sim com orientações que servem para guiar as atividades do grupo de leitores. Essas orientações ficam sobre a responsabilidade de um coordenador ou condutor que dá início à discussão,

controla os turnos de fala, esclarece as dúvidas e anima o debate evitando que as contribuições se desviem da obra ou do tema a ser discutido [...] (COSSON, 2014, p. 159).

Pois devido ao ambiente, irregularidade e diversidade de público não era possível adotar um círculo de leitura estruturado. No entanto, neste trabalho, o projeto Colmeia Literária não representa apenas essa vertente, da literatura, ganha outro significado, pois está diretamente relacionado com a formação de professores em pré serviço, ou seja, é posto como um agente de letramento.

Para pôr o projeto em prática, e finalmente ter contato com o público, foi necessária uma preparação intensiva de leitura e pesquisa sobre o assunto. Foi necessário conhecer cada tipo de círculos de leitura e ideias de formação de clubes de leitura, sem perder o foco de que seríamos mediadores da leitura e que o objetivo era proporcionar o letramento literário daqueles que participassem.

Ao pôr todo nosso conhecimento teórico em prática, desafios surgiram conforme o local do círculo de leitura e as especificidades do público, assim, adequações foram necessárias. Pois um grupo de leitura realizado em um lar de idosos, por exemplo, funcionária de maneira diferente de um grupo ao ar livre com livre circulação de pessoas e público indefinido.

No segundo caso, acrescenta-se o desafio de conquistar o público diariamente, sempre pessoas diferentes e de faixas etárias diversas. Então organizar esse grupo de modo que uma única obra fosse lida e discutida de cada vez, é quase impossível. Ocorre também o fato de as pessoas estarem neste local de passagem ou com objetivo já previamente definido. Portanto, um círculo de leitura com o público já definido, tem suas atividades e meios de mediação distintos, de um círculo de leitura com público indefinido.

Em todos os grupos, as obras para a leitura foram selecionadas levando em conta principalmente a faixa etária dos participantes, também foram muito utilizadas produções tipicamente culturais brasileiras, como os cordéis por exemplo. No caso dos círculos onde a circulação de pessoas era livre, a variedade das obras era um ponto chave, indo desde livros da literatura infantil à adulta.

No entanto o desafio não se limitava a organizar tais círculos de leitura, pois não se tratava de um modo qualquer de realização da leitura, o projeto foi pensado de modo a dar mais visibilidade a literatura, desse modo as estratégias de mediação da leitura ou a própria leitura em alguns dos casos, havia de ser pensada de modo que a essência do texto permanecesse, assim como as diferentes e possíveis formas de interpretação e participação da leitura e do texto em si. O acadêmico como mediador, não podia imprimir a narração ou à

mediação impressões ou conclusões individuais ao texto, pois nessa situação a leitura adquire caráter social.

Havia a necessidade de deixar o texto livre e aberto às várias interpretações que pudessem surgir, por mais divergentes que se tornassem, pois essas formas diferentes de interpretação é que iam substanciar a discussão sobre o texto e dessa forma dar andamento e constituir o círculo de leitura, em sua realização prática.

Pois cultivar um círculo de leitura, estruturado ou semiestruturado, não se reduz a ideia de realizar a leitura de uma determinada obra. É preciso se ater as características e aspectos literários que englobam tal obra, e a partir discuti-la.

Tanto as informações sobre autor e estilo literário a qual pertencem são importantes, embora deva haver uma preocupação com os detalhes mínimos escondidos a luz dos acontecimentos maiores do enredo, estes vão desde a forma de como as personagens são construídas ao longo da história, ao uso das palavras, presença dos temas tratados pelo autor, presença ou ausência de críticas sociais e religiosas, enfim, aspectos que embora possa passar despercebidos, ajudam na interpretação mais aprofundada e crítica do texto, como por exemplo a presença de uma determinada ideologia defendida pelo autor.

2.1 A leitura e a literatura na realização do círculo de leitura

Primeiramente é extremamente importante esclarecer, para que não se considere insuficiente a discussão, que, esta seção não tem por objetivo esclarecer, falar ou discutir a leitura e a literatura em sua definição, bem como sua importância que já é sabida e discutida no meio acadêmico. Ou seja, já há um consenso a respeito da importância da leitura, dos problemas da sua ausência ou deficiência, bem como também já existe a respeito da literatura, uma vasta gama de livros e artigos se debruçam sobre tentar explicar a leitura e a literatura e suas questões mais essenciais.

No entanto, buscamos aqui falar da leitura e da literatura em um contexto específico e delimitado, focando principalmente em como foram estruturadas dentro desse contexto. Cosson (2009), se detém sobre apresentar alternativas na implementação de métodos para a criação e estimulação do hábito de práticas a leitura literária na escola. Apresentando também cada etapa do processo proposto para o cultivo desta prática e instruindo como o professor deve proceder e incentivar os alunos durante o processo.

Ainda, teoriza sobre a formação de comunidades de leitura na escola e sobre o letramento literário, sempre com foco didático voltado para o professor que visa a construção de tais métodos de trabalho.

Embora de início, possa parecer que as contribuições aí feitas por este autor não correspondem as necessárias para a elaboração de círculos de leitura literária, até mesmo porque seu objetivo não se constitui então, dar instruções a respeito deste tipo de atividade, convém lembrar que alguns dos círculos integrantes do Projeto Colmeia Literária focalizaram suas atividades em escolas, portanto em sala de aula. Cosson (2009), traz contribuições preciosas para a fomentação da leitura literária em sala de aula. Possibilitando a todos os grupos que entendessem a necessidade de planejar a apresentação e leitura dos livros, de modo a atrair o interesse dos leitores, majoritariamente, neste caso, jovens.

Esse planejamento prévio resulta primordialmente, na escolha das obras, que tendem a se aproximar a época e discussões mais próximas aos leitores, deixando de lado a ideia de que apenas o cânone é válido quando se fala de leitura literária.

Em síntese, o que se propõe aqui é combinar esses três critérios de seleção de textos, fazendo-os agir de forma simultânea no letramento literário. Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que se encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca entre a discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos (COSSON, 2009, p. 36).

No trecho destacado, o autor chama atenção para a validação das produções mais contemporâneas, onde a linguagem e discussões possivelmente estarão mais próximas da realidade e capacidade de leitura dos alunos, mas sem deixar de lado o rigor crítico literário que o faz entender a importância do cânone na construção da literatura e na influência das produções futuras. Ou seja, ele alerta para o risco de simplificar e empobrecer a literatura e a leitura literária na busca de “incentivar” os alunos e dinamizar as aulas de leitura.

A partir da necessidade de saber quais os livros a serem escolhidos de acordo com o público leitor, é possível delimitar o tamanho do desafio dos mediadores e organizadores do círculo. Porque embora as circunstâncias tornassem o projeto simplório, não se tratava de qualquer projeto de extensão, eram atividades às quais tinham como objetivo também, a promoção da literatura. Entender onde ela está presente é crucial para essa promoção, dessa forma foram valorizadas a Literatura de Cordel e as histórias contadas.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, não foi utilizado o conhecimento ou informações que detínhamos, a respeito do projeto Colmeia Literária. Pois não era nosso objetivo realizar um trabalho apenas com as nossas experiências, ainda que enriquecedoras.

A pesquisa aqui presente constitui-se exatamente em coletar a experiências dos outros acadêmicos participantes do projeto, de forma individual, pois apesar do projeto de extensão ter tido seu funcionamento estruturado em grupos, a experiência e opinião de um participante sobre determinado assunto ou acontecimento não correspondem a do grupo como um todo.

3.1 Procedimentos metodológicos

Abordaremos neste capítulo todo o contexto a qual se envolve a pesquisa da qual se originou esse trabalho, desde a delimitação do tema à coleta e análise das informações.

Iniciamos pela delimitação do tema, ainda em maio de 2019, em seguida demos início a escrita do primeiro capítulo, em junho do mesmo ano, onde tivemos uma pausa nas atividades por motivos de dedicação acadêmica a outras disciplinas. Retornamos com a aplicação das entrevistas em dezembro de 2020 e análise e finalização da escrita em março de 2021.

Embora o trabalho de pesquisa e escrita deste trabalho, tenha sido interrompido por um determinado período de tempo, como podemos notar no cronograma das atividades, a ideia inicial apresentada no projeto de pesquisa se manteve sólida, ou seja, analisar, a partir do discurso de professores em formação e participantes do projeto já mencionado e esclarecido anteriormente, até que ponto esse projeto apresentou contribuições na sua formação profissional, ou se essas contribuições não foram por eles constatadas, e averiguar em decorrência de que isso não foi possível, reforçando, a partir da análise de suas próprias falas.

A pesquisa se constitui tendo como pressupostos o método interpretativista, no qual a percepção de mundo dos sujeitos, tanto do pesquisador quanto dos observados influenciam nas estratégias para procurar solucionar o possível problema apresentado na pesquisa. Dessa forma, ao conduzir uma pesquisa com viés interpretativista, o pesquisador irá considerar os

contextos que envolvem cada fenômeno, sua ocorrência em sintonia com os indivíduos assim bem como a sua complexidade.

Mário Nei Pacagnan, Fernando Antonio Prado Gimenez, Marcos Rubo (2012) falam sobre o modo particular de estudo que o método interpretativista adquire:

Na visão de Burrell e Morgan (1979), o mundo social tem status ontológico e precário e a realidade social não existe em termos concretos, mas é um produto de experiências subjetivas e intersubjetivas dos indivíduos. Dessa forma, agindo em direção do sujeito e não do observador, o interpretativismo entende a sociedade do ponto de vista do participante em ação, algo bastante pertinente à discussão da Estratégia como Prática. (SILVA e NETO: 2006). A vertente fenomenológica apontada como alternativa para os estudos da Estratégia como Prática se encontra acomodada dentro do contexto do paradigma interpretativista (PACAGNAM; GIMENEZ; RUBO, 2012, p. 80).

Como pudemos observar no trecho destacado anteriormente, ao pesquisar à luz deste método, considera-se a subjetividade, a posição e discursos dos indivíduos, descartando por exemplo os resultados quantitativos na análise de dados.

Sendo assim, a pesquisa aqui presente também se trata de uma pesquisa qualitativa, porque não buscaremos, ao analisar as entrevistas, resultados numéricos, quantitativos ou estatísticos, analisaremos as entrevistas considerando a posição e o papel social desempenhado pelos entrevistados. Dessa forma analisaremos os dados propriamente, não fatores numéricos que envolvem a obtenção destes dados por exemplo. Arilda Schmidt Godoy (1995) explica bem este tipo de pesquisa:

Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 57)

No trecho acima a autora descreve claramente que o objetivo desta pesquisa é a compreensão de fenômenos, e situações contextualizadas a partir da visão e opinião dos envolvidos. Não se trata de comprovar matematicamente uma estatística ou criar dados numéricos novos. Desse modo, ao analisar dados à luz do método qualitativo, o que faremos a princípio é traçar um perfil do projeto de extensão Colmeia Literária, de acordo com os estudantes que tiveram relação primária com o projeto, ou seja, buscaremos descobrir ou reafirmar o que foi o projeto, como ele se mobilizou, de que forma ele contribuiu, se de fato o fez e quais foram suas lacunas, segundo a opinião e a fala de cada participante direto da ação.

O conteúdo analisado tratará de resultados de entrevistas realizadas com os acadêmicos participantes, portanto relatos, que podem conter tanto uma porcentagem de criticidade, partindo do olhar individual de cada entrevistado, como será também orientado

por experiências que cada um tiveram ao vivenciar as ações do projeto, sejam essas experiências positivas ou não.

Embora as entrevistas tenham sido realizadas de forma oral, onde há uma liberdade maior no sentido de poder haver desvios na comunicação, no sentido do risco dos entrevistados se distanciarem das respostas às perguntas feitas e assim, do objetivo central da pesquisa, tomamos o cuidado de realizar criteriosamente, um roteiro de perguntas para serem feitas aos entrevistados.

Acrescentamos Bardin (1977), como principal referência durante a elaboração das análises. Bardin (1977) apresenta uma série de instrumentos metodológicos submetidos a constante aperfeiçoamento que são aplicados aos discursos, com objetivos diversos, sejam pré-definidos ou não, mas que são capazes de revelar ao pesquisador aspectos não explícitos, constituindo assim a análise de conteúdo. À medida que autora apresenta instrumentos novos e, portanto, evolui na discussão, ela aprimora a sua própria definição do termo “Análise de Conteúdo”. Conclui da seguinte forma:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

A partir da definição dada acima, podemos concluir que a Análise de Conteúdo já deixara de ser vista apenas como um instrumento de descrição, pois a “inferência” é reconhecida como técnica, o que tornou possível ao pesquisador retornar à origem, ou que motivou determinado discurso e chegar até seus possíveis efeitos. A dedução devidamente justificada torna possível ao pesquisador, inferir situações e informações não propriamente ditas.

Dessa forma, após reconhecida suas técnicas e meios, a análise de conteúdo passa a ser vista como um instrumento de análise das comunicações, pois considera-se que qualquer que seja o texto analisado, foi produzido por alguém para um destinatário. Mas embora o processo por qual perpassa a análise de conteúdo seja constituído de técnicas e se utilize da lógica para concretizar-se, a análise de conteúdo não se constitui normativa ou doutrinal. Pois, ao valer-se de um discurso ou texto qualquer, por exemplo, não serão objetos de trabalho somente aspectos explícitos e explicitamente lógicos. Segundo Bardin (1977), a Análise de Conteúdo não se constitui normativa porque:

Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da descodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (BARDIN, 1977, p. 31)

Outro motivo também apontado como responsável por este método de investigação não se constituir normativo, são as condições “externas”, que também são objetos de atenção em uma análise, considerando as situações de expressão e recepção de determinado discurso.

Embora não sejam objetos de trabalho nesta monografia, convém ressaltar duas estruturas as quais orientam uma análise segundo Bardin (1977), trata-se da referenciação dos temas e assuntos tratados e da comparação em relação a, ou a partir de outro conteúdo.

Na análise que se segue neste trabalho as regularidades de cada entrevista terão bastante atenção, podendo tornar-se necessário lidar com a análise do léxico, onde as palavras, seus usos e sentidos são atenciosamente investigados. Assim como autora explica acima, embora não tenha uma receita pronta para as análises, em alguns casos de determinados conteúdos, orienta-se a atenção para a avaliação de alguns critérios, como é o caso de perguntas abertas, tipo de conteúdo que será objeto de nossa análise, atentando-se então, também para os temas levantados e a forma como foram tratados por cada entrevistado.

Esclarecemos anteriormente que tal método se constitui lado a lado com a interpretação e não tem o rigor normativo, mas isso não significa dizer que a técnica tem sua principal fonte no achismo, visto que a leitura do pesquisador orienta sempre os resultados.

Torna necessário então esclarecer que não se trata de uma simples leitura, mesmo se sabendo que uma simples leitura pode conter um poder de elucidação muito grande, esta leitura da qual se utiliza o pesquisador é enriquecida com o rigor investigativo.

Bardin (1977) defende que o aprofundamento dessa leitura pode trazer à luz novos aspectos até então despercebidos e novos assim, novos questionamentos e suposições, dessa forma a autora defende a perspicácia das inferências do investigador através de várias leituras eficazes:

Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens ou pelo esclarecimento de elementos de significações susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos que a priori não detínhamos a compreensão (BARDIN, 1977, p. 29).

A partir das leituras das obras previamente apresentadas e contextualizadas faremos então a análise das entrevistas realizadas, embasada nas orientações conduzidas por Bardin em *Análise de Conteúdos* (1977).

As entrevistas foram feitas a dezoito da quantidade total de participantes do projeto, vinte e cinco, pois nesse caso de caso, na condição de pesquisadora, não devo ser incluída na contagem, visto que neste trabalho o quantitativo dos participantes, interessam apenas para elucidar o passo a passo de aplicação das entrevistas.

O objetivo inicial se mantinha em entrevistar todos os professores em formação que participaram do projeto. Trabalhando com uma margem de aproximadamente uns oito ou nove não colaborariam por quaisquer que fossem os motivos. No entanto essa meta estabelecida previamente de coleta de dados a serem analisados não pode ser atingida tal como a forma planejada por diferentes motivos.

Um deles foi a perda de contato com sete dos vinte e cinco integrantes do projeto, destes, nenhuma tentativa de contato obteve sucesso. Foram então entrevistados os dezoitos participantes restantes. O método estabelecido no projeto inicial de pesquisa previa entrevista oral, mas alguns dos entrevistados preferiram responder as perguntas de forma escrita. Destes que optaram por levar as perguntas para casa, três não devolveram e desistiram de colaborar, restando finalmente quinze entrevistas a serem analisadas, compondo o corpus da pesquisa.

Os informantes aos quais foi destinado o questionário eram professores em formação, acadêmicos do curso de letras, já no sétimo semestre do curso, todos participantes do projeto de extensão Colmeia Literária, devido ao sigilo dado a esses participantes na pesquisa, seus nomes serão resguardados e serão identificados no trabalho como entrevistado 1, 2, 3 e assim por diante.

As questões aplicadas se relacionam ao viés teórico deste trabalho, de cunho interpretativista, não foram elaboradas e nem pensadas de forma a conseguir resultados quantitativos, e sim permitir que os entrevistados elaborassem suas conclusões e refletissem a respeito das percepções do projeto de forma geral e suas ações e impactos na sua formação, consecutivamente. Sendo assim tratavam de perguntas abertas, ao todo, quatro perguntas que o informante tinha a opção de responder todas ou somente algumas delas.

A forma escolhida para a analisar tais resposta foi selecionar a resposta de todos os informantes a cada uma das perguntas feitas e a partir daí buscar a existência de três fatores nessas respostas, sendo eles: a extensão como atividade diferenciada para a formação dos professores, a existência da relação entre teoria e prática, e, o envolvimento destes professores em pré serviço com a realidade do seu público do seu círculo literário.

Para que o decorrer dessa etapa de desenvolvimento do trabalho se estruture e se desenvolva da forma mais adequada e coerente possível, em relação a proposta de pesquisa inicial, a análise das entrevistas serão realizadas de acordo com o que defende Bardin (1977) (1977).

Mas é necessário atentar-se para não afirmar que a análise de conteúdo a qual Bardin (1977) propõe, se reduz atualmente como meramente descritiva. Pois embora seja essencial descobrir a presença ou ausência de determinadas características no relato, o pesquisador precisa descobrir também os fatores que levaram a produção dessas características, precisa estar disposto a fazer um outro exercício, o de inferência, que permite inferir informações que ficaram implícitas no discurso no entrevistado por exemplo.

Para Bardin (1977), analisar o discurso sobre essa óptica implica não só descrever, mas analisar o significado e o significante, bem como todas as variáveis de produção a que estão envolvidas esse discurso. Não se trata de apenas indicar ou apresentar os dados já explícitos, ao fazer a análise, o pesquisador precisa contar com uma perícia capaz de fazer conexões e inferências a respeito de características que nem sempre se apresentam de forma pronta e objetiva, de modo a conseguir assim alcançar resultados coerentes, profundo e que tenham credibilidade.

Na verdade, a descrição dos elementos e dados envolvidos são só o primeiro passo, a partir do qual serão feitas as inferências, considerando todas as variáveis de produção e recepção do enunciado, o lugar de fala do enunciador e as possíveis implicações do enunciado. Só a partir dessa sequência de exercícios reflexivos e analíticos que é possível fazer a interpretação, a significação das informações coletadas:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens [...] (BARDIN. 1977, p. 42).

Como pode se observar, a Análise de Conteúdo se constitui de forma perfeitamente estruturada, sistematizada e de forma coerente. A partir de tais moldes se constituirão também o corpus deste trabalho.

Mas ainda assim, é comum um leigo ao assunto julgar a pesquisa qualitativa como falha, baseada no achismo, por não se tratar de proporções numéricas, no entanto uma leitura adequada e análise pertinentes, como discutimos e apresentamos aqui a partir de Bardin (1977)

acrescentam ao estudo, o rigor necessário para que se encontrem resultados pertinentes, elucidando questões de modo que não poderia ser feito em uma simples leitura.

Obviamente que os resultados de uma pesquisa qualitativa como esta, poderá sempre ser questionado, ou até mesmo receber acréscimos, pois esse processo faz parte da ciência, e da construção de teorias, no entanto não cabe subjugar tais métodos pelo uso da subjetividade, pois todo o rigor de estudo empregado em cada etapa desta pesquisa, valida completamente seus resultados como produção de conhecimento científico.

A autora aponta duas funções de análise de conteúdo de mensagem, ou seja, qualquer relato, texto, imagem ou qualquer outro modo em que a linguagem oral ou escrita se apresente em função da comunicação, são elas a função *heurística* e a função de *administração da prova*.

A primeira função tem o objetivo de analisar determinado conteúdo por curiosidade, enquanto a segunda se realiza de maneira a procurar comprovar ou negar uma hipótese previamente estipulada, como acontece nesta dissertação. Pois como participantes diretos do projeto, consideramos a existências de impactos positivos na formação docente dos acadêmicos entrevistados.

4. DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Como o projeto ao qual está sendo base para a realização deste trabalho tratava-se de um projeto de extensão, convém destinarmos uma seção para falarmos ainda que brevemente sobre a extensão universitária e seus princípios e objetivos.

Miguens e Celeste apontam o surgimento da extensão universitária como sendo a resolução para o débito que a universidade pública aparentava ter com a sociedade, por só produzir e construir até então, conhecimentos aos quais a maioria da sociedade não tinha acesso.

De fato, se olharmos para essas atividades de extensão no qual o contato com a sociedade se dá de forma direta e através de serviços, os resultados para o público são valorosos, ainda mais quando muito desses serviços prestados são quase inacessíveis na realidade em que vive as pessoas beneficiadas.

Andréia Lilian Lima Rodrigues *et al.* (2013) analisam alguns autores e explicam a importância de projetos de extensão como estes para a formação de professores. Entre estas contribuições está o ganho mútuo entre os acadêmicos e a sociedade, os estudantes ganham porque tem a oportunidade de exercer na prática a teoria e repensá-la de acordo com seu contexto social, a sociedade ganha com a prestação de serviços.

A Política Nacional de Extensão Universitária, também acrescentou a extensão universitária caráter transformador sociocultural, mas aponta também um outro propósito para a sua existência, a articulação prática entre ensino e pesquisa, a partir daí, então, agindo e transformando o meio social, seja por meio da produção de ciência, resultado do trabalho realizado, tendo como lócus de estudo determinada realidade sociocultural e suas especificidades, ou seja através da atuação de forma pragmática e das ações realizadas através das iniciativas dos universitários.

A extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido a reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento (FORPROEX, 1987, p. 11).

O acordo da Política Nacional de Extensão de 2012 define, delimita e regulariza a Extensão Universitária, também contextualiza a realidade social e cultural brasileira, a fim de compreender em que contexto, este por sua vez nacional, surge essas propostas inovadoras de produção e democratização do conhecimento. Assim, torna mais claro a imensa responsabilidade de transformação e atuação sociocultural que esses projetos adquirem.

De um Brasil onde os extremos se confrontam, principalmente do que diz respeito a educação. Falar da precariedade que ainda se instala e compromete a educação pública brasileira, exige um esboço dos fatores que se aliam para a manutenção e crescimento desses problemas. São estes em maioridade, a corrupção, a má administração pública, e por consequência, a falta de políticas públicas efetivas e pontuais.

Problemas como estes, resultam num aprisionamento das possibilidades de crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), e constitui o cenário brasileiro, um cenário onde a qualidade de vida e as possibilidades dos brasileiros são visivelmente polarizadas. A Extensão Universitária busca contribuir no desafio de atuação que a Universidade tem nesse contexto, em que a inovação ainda encontra resistência.

Se conscientes destes problemas sociais brasileiros, e do papel de produção de conhecimento e formação de ideias que a Universidade Pública tem, podemos entender que o retorno que a Universidade deve garantir a essa sociedade vai além da formação de bons profissionais, ainda sim reconhecendo a importância disto. A universidade deve envolver-se num movimento de conscientização humana, social e crítica. Tais projetos, não podem perpassar por ações sociais meramente assistencialistas, mesmo que adquiram em si esse caráter. São ações submetidas a um planejamento prévio, a rigor de pesquisas e estudos sistematizados das ações futuras.

Cabe lembrar também que os projetos de extensão não se encerram após a realização das atividades práticas em conjunto com a sociedade, a troca mútua de saberes e experiências resultam na produção de artigos e pesquisas, ou seja, na produção de ciência, a partir de um olhar mais detalhado e das reais condições e especificidades em que aquela comunidade se enquadra. Portanto, essas ações e esse processo de produção do conhecimento acadêmico devem ser vistos como meios de atuação e transformação social. Além de um contribuinte de peso na formação dos futuros profissionais.

Concluindo, o projeto de extensão Colmeia Literária, foi idealizado e realizado com base no que prescreve a Política Nacional de Extensão Universitária, buscando atingir os objetivos propostos e norteados pelos mesmos ideais.

O documento aponta diretrizes que devem orientar os preceitos e a prática da Extensão Universitária, de acordo com o pacto do FORPROEX (2012), são elas:

- Interação Dialógica,
- Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade,
- Indissociabilidade Ensino – Pesquisa – Extensão,
- Impacto na Formação do Estudante,
- Impacto e Transformação Social.

Tais preceitos deverão embasar a análise das entrevistas realizadas, as quais comporão o corpo do trabalho.

Para compreender melhor a relação entre leitura literária, projeto de extensão e formação de professores, consideramos necessário buscar autores que conciliasse em sua obra alguns destes pontos, especialmente autores que relacionasse a formação docente com a prática de projetos de extensão. Assumimos esse critério de pesquisa, com o intuito de ir em direção ao objetivo geral do trabalho, que é investigar e analisar as contribuições de um determinado projeto de extensão universitária na formação docente dos futuros professores.

Rodrigues *et al.* (2013) recorre a diversos teóricos da formação de professores para trazer uma discussão mais completa sobre o assunto, elencando vários pontos de vistas e questões diferentes. A bagagem teórica fornecida por ele, nos possibilitou compreender como é mobilizado todo o processo de aprendizagem durante tais projetos, através do ensino, da pesquisa e do estreitamento das relações e interações provenientes destas. “O ensino rompe as barreiras da sala de aula e sai do ambiente fechado da Universidade, para que haja a troca de informações provenientes do ambiente primordial. Assim, o conteúdo passa a ser multi, inter e transdisciplinar” (FORPROEX, 1987, p. 13).

Dessa forma, ao romper as barreiras da universidade, os projetos atingem seus objetivos de proporcionar o ensino e a pesquisa e socializar o aprendizado, ainda de forma autônoma, pois o aluno obedece a regras e domina uma gama de informações e conhecimentos, no entanto, ele seleciona somente o que ele acha necessário, escolhendo também a forma de como repassar esse conhecimento, tornando o conhecimento concreto e o sujeito capaz e autônomo, mesmo num ambiente de interação.

Simultâneo a esse processo de compreender como os projetos de extensão crescem na formação de professores, era necessário compreender também todas as nuances que envolviam tais projetos, em que consistiam, seus objetivos, bem como também se estruturavam e se regulamentava tais projetos, para tanto recorremos as recomendações do

Fórum De Pró Reitores De extensão Das Universidades Públicas Brasileira (FORPROEX), através da carta de Manaus em 2012 e outras leituras complementares devidamente referenciadas mais adiante.

Estudar a Política de Extensão das Universidades Públicas Brasileira foi necessário para compreender sob quais os preceitos essa política se mantém e esses projetos devem constituir-se. No trecho seguinte, essa questão é elucidada com bastante clareza:

A extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da universidade (FORPROEX, 2012, p. 14).

O princípio citado acima, sob ao qual se deve se manter a Extensão Universitária Pública, que é a interação dialógica entre universidade e comunidade através da mobilização do conhecimento estruturado e sistematizado através da pesquisa, é uma proposta de ensino que deve resultar no final em uma forma de democratização e acesso do conhecimento produzido na universidade, e também, um meio de formação que proporciona aos futuros profissionais perpassar por todas as esferas de formação idealizadas. O objetivo desse processo, enquanto um processo de qualificação profissional, objetiva a formação de profissionais conscientes dos seus verdadeiros desafios e da sua comunidade, capazes de desenvolver pesquisas e soluções em conjunto, mas de atuar sempre de maneira reflexiva e autônoma.

Ficaram acordados ainda, pelo FORPROEX, em 1987, outros princípios que norteiam as atividades de extensão, que aproximam a universidade da comunidade a qual se insere, alicerçando suas pesquisas, ciência, arte e tecnologia nas peculiaridades da região e tornando suas atividades de extensão sensíveis as demandas dessa comunidade.

Tais atividades devem estar focadas na realidade objetiva e resultarem na transformação social, concluindo que essa prestação de serviço deve ser de cunho acadêmico, científico, tecnológico e científico. É também, proibido à universidade de declarar posse de eventuais resultados científicos, ou conhecimento que seja produto desse processo Ensino, Pesquisa e Extensão, concedendo a comunidade cujos problemas foram objetos dessa pesquisa acadêmica, livre acesso sobre resultados provenientes

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar de o tema estar devidamente delimitado, há dois assuntos não tão extremos, mas distintos, que é a formação de professores e a leitura literária, que se relacionam na construção do tema e que tornam o referencial teórico mais vasto, com mais possibilidades. Os assuntos aos quais me refiro são: projetos de extensão ligados a literatura e a formação de professores. Diante de tal situação o referencial teórico tem vertentes distintas.

A respeito do projeto literário e de toda discussão levantada aqui, a cerca deste, Cosson (2014) contribuiu em maioria na base teórica e foi primordial tanto para a realização do projeto de extensão já descrito anteriormente quanto para o letramento literário de todos os alunos envolvidos, na posição de futuros educadores. Cosson (2014) fala sobre a importância a leitura literária, como deve ser realizada para que não perca a sua essência, fala sobre a possibilidade desta leitura está em qualquer lugar e de cultivá-las em clubes de leituras que podem ser articulados de diferentes maneiras, dentro e fora das escolas permitindo o contato e troca de experiências com a comunidade. Num processo que perpassa o individualismo e o pensamento do cânone como modelo, permitindo aos leitores a divisão de experiências e modificando a percepção do contexto da obra a cada leitura e discussões:

Por meio da leitura, tenho acesso e passo a fazer parte de uma comunidade, ou melhor, das várias comunidades de leitores, porque na leitura nunca estou sozinho, antes acompanhado de outros tantos leitores que junto comigo determinam o que vale a pena ser lido e, no seu limite, em que consiste o próprio ato de ler. A leitura é, assim, um processo de compartilhamento, uma competência social (COSSON, 2014, p. 36).

No trecho acima podemos perceber que o autor não considera a leitura unicamente como uma competência individual, mas social também, pensamento que permeia os círculos de leitura. Esse pensamento de conceber a leitura como um ato social, não se restringe somente ao âmbito dos clubes de leitura, para ele, mesmo que o leitor não pertença a uma comunidade de leitura, ele é afetado por concepções estruturadas socialmente, como por exemplo, a designação do que é literário ou não.

Ele faz todo esse vasto percurso sem perder o foco na prática educativa, no local onde ela acontece, a escola e no principal responsável por isso, o professor. Cosson (2014) é um dos principais autores e talvez o único que consegue articular teoria e prática com a clareza necessária, para este fim, que foi a formação de círculos de leitura, é por isso também, que

ocupa lugar central na lista de referências deste trabalho. Suas ideias colocadas de forma extremamente didáticas, permitem aos estudantes que o primeiro contato com a mediação de um tipo de leitura tão específico aconteça de forma simples e prazerosa.

Enfim, essa seção objetiva evidenciar a base teórica deste trabalho e tecer uma discussão relacionando a linha teórica a todos os pontos discutidos. Apresentamos anteriormente, ainda que forma breve, alguns autores que serviram de base para apresentarmos e compreendermos o que foi o projeto Colmeia Literária, assim como também para compreendermos a relação entre Projetos de Extensão Universitária e formação de professores. No entanto, esta monografia não possui por referencial teórico apenas os autores já citados anteriormente.

É interessante lembrar que o projeto base para o desenvolvimento deste trabalho, tinha como principal objetivo promover a leitura, estruturada conforme prediziam os determinados grupos e círculos, no entanto não se tratava de qualquer leitura, promovia especificamente a leitura literária. E conseqüentemente, este trabalho também se delimitará a partir de tais moldes, nesta seção discutiremos essencialmente teóricos que acreditem na promoção da leitura literária e no poder de humanização e socialização da literatura como Compagnon e Petit (2008). Estes autores percebem uma perda do hábito da leitura literária durante as gerações, principalmente quando se fala da leitura através dos livros. Petit (2008) fala de uma forma muito honesta sobre o poder de humanização da literatura:

O espaço íntimo que a leitura descobre, os momentos de compartilhar que ela não raro propicia, não irão reparar o mundo das desigualdades ou da violência — não sejamos ingênuos. Ela não nos tornará mais virtuosos nem subitamente preocupados com os outros. Mas ela contribui, algumas vezes, para que crianças, adolescentes e adultos, encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência (PETIT, 2008, p. 13).

No trecho acima, a autora traduz em palavras claras essa ideia de humanização através da literatura, sem fantasias, pois de fato somente a leitura, não é capaz de mudar os inúmeros déficits que assolam o país na atualidade. No entanto além do fator já citado pela autora, que é proporcionar a reflexão, e por fim o afastamento da violência, ela também abre caminhos no que diz respeito a novas perspectivas, ainda mais se a leitura for promovida através de grupos ou círculos como os do projeto aqui estudado, principalmente se as atividades acontecerem por um período maior.

Petit (2008) fala que os livros foram sendo deixados de lado pelo uso de meios mais imediatistas de proporcionar contato com a literatura, como o cinema, as novelas e os filmes por exemplo, formas em que as pessoas possam usufruir em conjunto. No entanto essas

formas proporcionam um contato muito estreito e superficial com a literatura, as vezes estes meios repassam concepções equivocadas ou distorcidas sobre a literatura ou sobre algumas obras especificamente. Realmente por experiências próprias, enquanto professoras em formação a partir do contato pelos estágios e pela experiência de mediadoras de leitura, podemos afirmar que esse quadro de afastamento e esquecimento dos livros pelos jovens, dificultam cada vez mais o trabalho do professor de instigar a leitura literária.

Para ela, a leitura silenciosa e solitária através dos livros, perdeu espaço na atualidade, e por sua vez, a leitura de uma forma geral também vem perdendo seu espaço. O CL foi uma experiência que trouxe a leitura e o contato direto com o livro através de uma forma coletiva, mantendo em alguns casos e momentos a leitura individual e silenciosa.

De fato, os jovens hoje estão buscando meios de distração cada vez mais imediatistas, e quando dizem respeito a leitura, textos cada vez mais nos moldes atuais e mais sucintos, eles estão o tempo todo conectados com as tendências atuais e cada vez mais distantes das leituras mais extensas, como as maiorias das obras consideradas os primeiros degraus para a constituição da nossa literatura brasileira por exemplo.

Outro autor, que também entende que o gosto pela leitura literária, entre os jovens vem perdendo o vigor, é Compagnon, como expresso a seguir:

Pois o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, que atravessa ela também uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam; nos lazeres, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros (COMPAGNON, 2009. p. 21).

Ao compartilhar desta ideia, Compagnon traz um motivo muito recorrente para esse afastamento dos jovens da literatura, que acontece nas salas de aulas, que é o uso dos textos literários somente para fins didáticos, muitas vezes, reduzindo esse texto a um mero aglomerado de letras e limitando sua essência. Combater esse problema, que por sua vez é mais comum do que parece, carece de antes tudo, que o professor também tenha um conhecimento e uma relação mais aprofundada sobre literatura.

Através dos autores citados acima, que compõem o referencial teórico deste trabalho, podemos ver, mesmo que introdutoriamente que a leitura, o hábito de mediar e de ensinar sobre a literatura, perpassa por caminhos e fatores múltiplos, e entendemos também de que forma esses problemas se manifestam e como projetos como o CL podem ajudar nestes casos.

Entendemos o nosso desafio, de promoção a leitura, que muitas das vezes trata-se mais de apresentar a literatura ao aluno, em terras atuais deste imediatismo tecnológico. Entendemos também que educar alunos leitores, conhecedores e conscientes dos benefícios da

literatura, perpassa por uma formação ampla, crítica e reflexiva e se possível com experiências práticas vivenciadas, tais como o projeto de extensão em questão. Mais à frente, no decorrer da análise, buscaremos estabelecer mais relações com estes teóricos a partir de relatos de professores em pré serviço.

6. ANÁLISE

Esta seção corresponde à análise dos dados anteriormente coletados e cujos resultados corresponderão ao resultado deste trabalho e o objetivo central desta pesquisa. Os dados a serem aqui analisados, trata-se de entrevistas realizadas com alguns dos participantes do projeto literário já explicitado anteriormente. Como dito no capítulo anterior, conduziremos essa análise à luz de *Análise de Conteúdos* de Bardin (1977).

Encontram-se a seguir o roteiro da entrevista realizada com os participantes, composto por 4 perguntas:

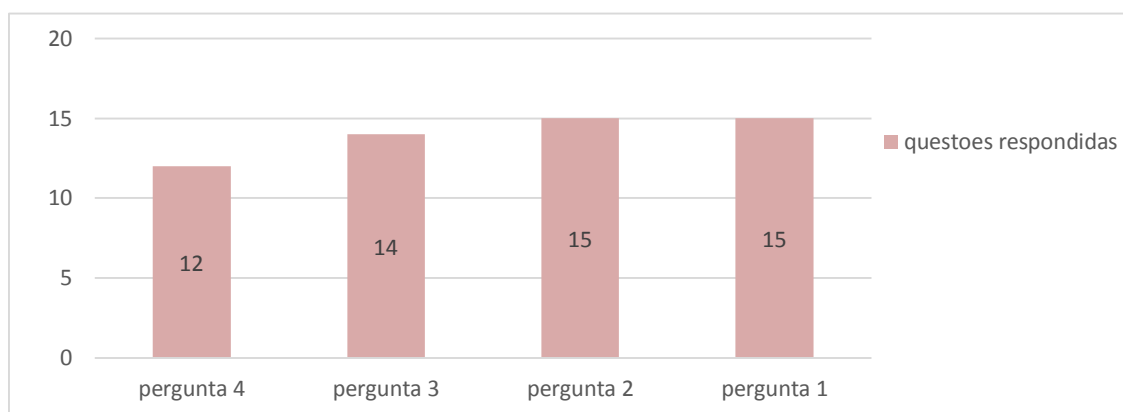
- Para você como o projeto CL contribuiu para o seu Letramento Literário?
- O projeto trouxe contribuições práticas ou só teóricas para a sua formação? Explique:
- O projeto CL proporcionou novas experiências? Ou mudança do seu ponto de vista a respeito da leitura literária? Se sim, fale sobre.
- Em relação ao público participante, quais os resultados foram por você percebidos? Isso contribuiu com seu aprendizado de alguma forma?

Como podemos ver acima, as perguntas se relacionam a percepção individual de cada participante sobre a contribuição do projeto na sua própria formação, aos entrevistados também foi esclarecido que poderiam responder se entendessem que para eles, o projeto de leitura não ofereceu benefício às suas formações. Como não podíamos impor obrigatoriedade na participação, os entrevistados também podiam se abster de responderem quaisquer que fossem das perguntas acima.

Ao fazer análise, consideraremos a existência das seguintes categorias: a extensão universitária como atividade diferenciada para a formação dos professores, a existência da relação teoria e prática e o envolvimento destes informantes com a realidade do público participante.

É interessante deixar claro que as respostas se encontram na respectiva ordem das perguntas apresentadas acima, e por questão de sigilo natural da pesquisa, os nomes dos participantes não serão revelados, sendo todos identificados por entrevistados 1, 2, 3 e assim por diante.

Antes de iniciarmos a análise propriamente, preparamos um gráfico com o quantitativo



exato de informantes que responderam a cada pergunta, embora este trabalho não se destine a dados quantitativos, o gráfico ajudará aos leitores numa interpretação mais rápida do quadro de perguntas e respostas.

Gráfico 1 – Participantes que responderam a cada pergunta da entrevista

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O gráfico acima corresponde ao mapeamento da quantidade de respostas a cada pergunta, ou seja, a quantidade de Recorte Discursivo (RD) fornecida por cada participante.

Sendo assim, seguem as respostas da primeira pergunta: 1) **Para você, como o projeto Colmeia Literária contribuiu para o seu letramento literário?**

RD – entrevistado 1: *“O projeto literário contribuiu de forma única, para a nossa formação, no ponto de vista de nos proporcionar uma visão mais ampla com o afeto com os alunos, e de aprender e de entender a realidade de cada aluno, que conhecemos naquele local onde foi realizado o projeto literário. Que possamos ter essa visão, na sala de aula.”*

Aqui, podemos perceber que o informante descreve a aproximação e o envolvimento com o seu público como contribuição maior para a sua formação. Essa aproximação com a realidade das condições de leitura dos jovens, tanto prepara o professor em formação para a sua atuação em sala de aula, como também o faz pensar criticamente nas didáticas a serem adotadas para incentivo da leitura.

Petit (2008) fala que a leitura pode contribuir para a mudança de realidade quando se constitui um hábito que ocupa tempo e espaço na vida dos jovens. No entanto essa literatura precisa ter relação com sua realidade, e conhecer essa realidade e as produções literárias dedicadas a esse público, facilita para o professor envolver o aluno neste hábito.

RD – entrevistado 2: *“O projeto Colmeia Literária, por ter me aproximado mais de atividades relacionadas hábitos de leitura não apenas para o público-alvo do projeto (a comunidade fora da universidade) mas para mim mesma.”*

Neste caso, o entrevistado descreve principalmente as suas descobertas que correspondem a leituras de obras, aponta isso não só como uma necessidade para as atividades exercidas no projeto, mas como ganho pessoal. Sendo assim, podemos observar a existência das atividades de extensão universitária como atividade diferenciada na formação de professores, diferenciada porque proporcionou descobertas e experiências novas.

RD – entrevistado 3: *“Através do CL contribuiu sim, mostrando que podemos melhorar nosso conhecimento e nossas leituras em qualquer lugar. Quando fizemos o projeto foi feito em um ambiente ao ar livre o “parque CIMBA” com isso pude observar que esses lugares não são somente para exercitar o corpo, mas para exercitar sim nossa mente.”*

Aqui também, o entrevistado 3 nos faz inferir que a categoria a qual melhor se apresenta a partir dessa resposta é a existência da extensão universitária como atividade diferenciada para a formação de futuros professores. Pois ele fala que a partir da experiência promovida pelo CL, de praticar a leitura literária em um lugar geralmente usado para outros fins, ele compreendeu que a leitura não estava circunscrita a um determinado ambiente. Petit (2008) fala que os novos hábitos dos novos estudantes estão cada vez mais os distanciando do livro, como esse por exemplo, de usar este parque para várias coisas, menos para a leitura.

RD – entrevistado 4: *“A CL me fez ficar mais próxima da literatura e mostrou como a leitura muda uma pessoa. Quando líamos as histórias para as crianças elas mudavam a feição do rosto, ficavam mais felizes do que antes. E com tudo isso vi o quanto maravilhoso é esse universo literário.”*

Aqui, o entrevistado 4 deixa sobressaltar, na sua resposta, seu entusiasmo em relação aos resultados das suas mediações, ela descreve um envolvimento bastante satisfatório do seu público (crianças) como o universo literário. Podemos concluir também que ele atribui essa satisfação às crianças, também a sua mediação, pois o saber contar história também contribui bastante para o envolvimento com a história, principalmente quando o público se trata de crianças.

RD – entrevistado 5: *“Sim. Para levar a literatura para fora do meio educacional, foi preciso aprofundar meus conhecimentos sobre quais leituras deveria levar para público a qual promoveríamos as rodas de leituras, a selecionar os textos de acordo com a faixa etária desse público. Aprendemos a criar estratégias para o ensino da literatura a fim de incentivá-los o hábito da leitura”*

Aqui, o informante 5 relata que sua participação no projeto contribuiu sim para seu letramento e evidencia que isto aconteceu através da relação teoria e prática, pois foi preciso que ele se tornasse pesquisador antes de entrar em ação para fazer o trabalho de campo, dessa

forma foi possível ele estudar os livros mais indicados ao seu público e criar melhores estratégias para realizar a mediação dessas leituras.

Mas se o objetivo do projeto era estimular a leitura, por que vemos tantos entrevistados falar com tanta atenção sobre estudos voltados para a mediação? Ou seja, por que ela é tão importante? Porque não adianta simplesmente apresentar um livro literário de literatura canônica e esperar que leiam, principalmente com jovens. Isso não funciona, para que se crie este vínculo, é necessário que o leitor se identifique social ou culturalmente ou veja algum objetivo na leitura. Na sala de aula, onde geralmente esse mediador é o professor, e esse contato é mais longo, pode tanto fazer com que o aluno desenvolva a partir do hábito e do gosto pela leitura, como causar um bloqueio ou desestimulá-lo.

RD – entrevistado 6: *“O projeto Colmeia Literária contribuiu para o meu letramento literário proporcionando a vivência teoria e prática concomitantemente, pois com o projeto aprendíamos a importância da leitura, do ato de ouvir e contar histórias, nos proporcionou a experiência de sermos mediadores de leitura e contadores de histórias para um público diversificado, uma ação tensa e ao mesmo tempo enriquecedora.”* Aqui: “[...] pois com o projeto aprendíamos a importância da leitura, do ato de ouvir e contar histórias[...].”

Ele descreve com clareza essa mediação. Podemos concluir que não se trata somente de um acompanhamento da leitura realizada pelos leitores presentes no grupo, bem como também não se limita a contar, propriamente, as histórias. Este é o único caso em que o entrevistado, em seu depoimento, considera o ato de saber ouvir como próprio e importante para a mediação de leitura e para a contação de histórias.

Pois o ato de ouvir, saber escutar, tanto contribui para a socialização, quanto para a potencialização do aprendizado, bem como também para o aperfeiçoamento da leitura, então torna-se de muito valor o fato de um professor ter essa consciência, pois assim, durante a sua docência, irá reduzir os riscos de podar ou limitar os leitores, reconhecendo e desempenhando com excelência seu papel de formador de leitores

RD – entrevistado 7: *“O Projeto Colmeia Literária contribuiu para o meu letramento literário como inspiração e incentivo a novas leituras.”*

O entrevistado diz que seu letramento se deu com o incentivo à leitura, que ocorreram no decorrer das atividades, assim podemos entender que se destaca uma categoria, que é a presença do CL como atividade diferenciada na formação de professores.

RD – entrevistado 8: *“O projeto Colmeia Literária contribuiu para o meu letramento literário proporcionando a vivência entre a teoria e a prática concomitantemente, pois com o projeto aprendíamos a importância da leitura, do ato de ouvir e contar histórias, nos*

proporcionou a experiência de sermos mediadores de leitura e contadores de histórias para um público diversificado, foi uma ação tensa, mas ao mesmo tempo, enriquecedora.”

Nesta contribuição, podemos ver claramente que há a presença da relação teoria e prática, que por sua vez, segundo o entrevistado 8 acontecem de maneira simultânea. Além de também o preparar para mediar as leituras, também ensinou a lidar com um público diverso, o que será de grande valia na hora da sua atuação em sala de aula.

Pires (2011) descreve a contação de história como uma ótima forma de construir relações e solidificá-las. Muito além disso, a arte de contar histórias é uma forma de envolver e convidar um futuro leitor

RD – entrevistado 9: *“O projeto Colmeia Literária contribuiu para os aperfeiçoamentos teóricos vistos em sala de aula. O projeto possibilitou uma conexão entre os estudantes da Universidade Federal do Tocantins (UFT), fora da esfera do campus e dessa maneira a comunidade e os estudantes foram beneficiados pelo anteprojeto de textos literários.”*

Aqui, neste caso, o destaque apontado como maior contribuição a testagem, na prática, das pesquisas realizadas em sala de aula, portanto podemos perceber que a teoria e a prática coexistem, na medida em que o entrevistado 9 teve que aperfeiçoar as orientações teóricas durante seu trabalho de campo.

RD – entrevistado 10: *“Ele me ajudou a descobrir e entender como mediar a leitura dos alunos, escolher as obras. Eu também reconheci o valor dos livros literários.”*

Como outros entrevistados que vimos anteriormente, este aqui destaca sua aproximação com a leitura e com os livros como forma de contribuição para seu letramento literário. E se esta aproximação só foi possível através das atividades do projeto, podemos ver aqui, a existência do projeto de extensão como atividade diferenciada para a formação destes professores.

RD – entrevistado 11: *“Primeiramente me ajudou a entender o que era literatura, e como lidar com ela na minha posição de professora, e de participante do projeto. Eu tive que participar da escolha dos livros, do conteúdo adequado para cada idade, e aprendi a valorizar essa leitura de modo que ao ler um conto ou qualquer outra história eu permitisse que os alunos recriassem suas próprias versões ou tivessem interpretações diferentes sem que isso fosse visto como algo que desvalorizasse o texto.”*

De fato, esta entrevista traz uma riqueza de pontos a serem explorados e vistos com bons olhos, olhos de pesquisador. Como a clareza sobre o que realmente é literatura, a reflexão sobre a futura e próxima docência, a valorização da leitura..., no entanto o que se

sobressalta aos olhos é o envolvimento com o público, quando ele fala que aprendeu a valorizar a participação dos alunos, legitimando seu ponto de vista, mesmo que não correspondesse a história real.

A verdade é que esta atitude de validar as contribuições dos leitores é muito importante, apesar de rara as vezes que isso acontece com tamanha liberdade, devido a percepção da literatura como algo em que se dividisse em certo ou errado, limitando e falindo assim com as possibilidades de interpretação ou de recriação da história. Isso pode acontecer pela conduta equivocada do professor em relação a sua maneira de estudar literatura, tanto quanto a banalização do texto literário a um mero instrumento gramatical. É preciso que o professor saiba ouvir e validar essas interpretações, pois a literatura não está delimitada aos textos e moldes canônicos, assim como a sociedade, ela se reinventa.

RD – entrevistado 12: *“O CL ajudou muito, primeiramente porque ele foi, digamos assim a principal parte da disciplina de letramento literário, e antes dela e do projeto eu nem sabia o que significava letramento, e nem letramento literário.... mesmo sendo uma coisa que o professor precisa saber e vai lidar muito com isso. Foi a base, assim, para eu saber o que significava, como fazia, os benefícios. Junto com a disciplina né?! Porque aí a gente aprendeu lendo e fazendo.”*

Ao lermos esta entrevista podemos ver que predomina nessa resposta a existência do projeto de extensão como atividade diferenciada para a formação dos professores. Quando falamos os projetos de extensão como atividades diferenciadas, corre-se o risco de isto ser entendido como algo que foge do comum, ou seja, atividades complexas que proporcionam experiências surreais. No entanto esta resposta é um exemplo, do quão simples são as coisas que eles podem proporcionar, embora extremamente necessárias, e por isso um recorte ideal do que o projeto pode ser para aqueles que estão envolvidos. Pois como foi dito pelo informante, ele não sabia sequer de que se tratava o conceito de letramento.

RD – entrevistado 13: *“Contribuiu, porque eu aprendi a ler, a contar histórias pro aluno e a ouvir também, antes da disciplina e do projeto eu ia falar pra ele que tinha que ler e interpretar do jeito certo, mas a literatura não é assim, não existe só uma maneira de ver.”*

Este é mais um dos casos em que vemos a importância dos ensinamentos transmitidos pelo CL, aqui, podemos vislumbrar os problemas que a ausência destes aprendizados pelo professor em sala de aula. Pires (2011) fala muito sobre isso, para ela o ato de contar histórias potencializa a imaginação, facilita a aprendizagem e capacidade de reflexão, além de constituir-se uma própria forma de aprendizagem e testagem do professor para a iniciação de leituras maiores. Na sala de aula, contar histórias também é uma forma de humanizar a

relação professor e aluno, a fim de que se tornem o menos mecânica possível as leituras, mas isso tudo, somente se o professor estiver fora do risco de acrescentar a ela objetivos puramente didáticos

Desta forma podemos observar que aqui o projeto funcionou como uma atividade diferenciada na formação deste professor pois possibilitou que ele tivesse um novo olhar a respeito das suas possibilidades na docência.

R.D – entrevistado 14: *“Para mim o projeto contribuiu com uma visão nova da sala de aula, da literatura e do quanto essa arte pode ser magnífica, pois foi minha primeira experiência com crianças de seis anos. Dessa maneira, o meu letramento literário transcendeu as paredes da universidade, da escola, indo de encontro com a vida propriamente dita.*

Podemos ver aqui, que através do envolvimento com o público (crianças), sua visão de docência ideal foi modificada. O entrevistado 14 fala da descoberta da magnificência da literatura. Sabendo que seu público eram crianças, inferimos que a literatura a qual ele se refira seja a literatura infantil. Pires (2011) defende que a literatura na faixa etária descrita pela informante 14, deve ser trabalhada com bastante cuidado, pois tanto na forma oral quanto na forma escrita ela contribui para a formação da mentalidade dos alunos. Trabalhar a literatura oral nessa faixa etária é uma ótima oportunidade para o professor validar esse tipo de literatura, que é muito comum nas narrações de histórias familiares, e que não é valorizado como devia. Portanto se sobressai a categoria de envolvimento com o público participante.

RD – entrevistado 15: *“Eu participei do projeto e escolhi o público infantil para incentivar a leitura. Esse projeto foi uma experiência incrível, onde pudemos na prática ter o contato com as crianças que não tem incentivo para ler em casa, então foi um jeito da gente aprender com a situação.”*

Mais um caso em que se percebe que se encaixam na categoria de envolvimento com a realidade das crianças. Sabemos que a escolha pelo público foi planejada por esta informante, com o objetivo de adquirir experiência de trabalho com essa faixa etária. A importância da influência família para a existência do hábito de leitura da criança já é um consenso nas pesquisas atuais, também sabemos os déficits e problemas de desenvolvimento escolar que uma criança pode ter, se não viver num ambiente que tenha estes estímulos.

O que precisamos discutir agora, é como fazer, e as melhores estratégias para o professor obter sucesso na atuação destes casos, e a principal delas é conhecer qual o meio social, cultural e familiar ele está inserido.

A seguir apresentamos as respostas a pergunta seguinte: **2) O projeto trouxe contribuições práticas ou só teóricas para a sua formação? Explique:**

RD – entrevistado 1: *“O projeto teve contribuições práticas e teóricas, a teórica, dos estudos e aperfeiçoamentos em sala de aula, na própria Universidade, e a prática, na realização do próprio projeto, que aconteceu em um lugar público.”*

Aqui, o informante 1 descreve e divide o projeto em duas etapas, a fase de pesquisa, que representava as aulas da disciplina de letramento, na universidade. Esta fase consistia nos estudos, portanto a fase teórica, e a fase em que foram efetivamente realizadas as atividades, a fase prática. Sendo assim, através do quadro desenhado aqui pelo informante constatamos a existência mútua da teoria e da prática.

RD – entrevistado 2: *“Práticas e teóricas. Ao decorrer do projeto recebemos orientações da nossa professora idealizadora do projeto, que nos ajudaram ter mais ideias, pesquisar por mais informações e, por fim, colocar o que aprendemos em prática.”*

Neste caso, também podemos concluir a existência da relação teoria e prática. Para que tudo ocorresse da forma desejada, os participantes contaram também como a mediação da professora idealizadora. É interessante lembrar da pesquisa e da prática, como duas coisas que completam e coexistem em unidade, uma não se realiza sem a outra, no campo de pesquisa universitária, pois não se realiza atividades como essa, de impactos sociais, somente considerando a teoria., assim como não é possível obter resultados sem um rigoroso planejamento de cada passo.

RD – entrevistado 3: *“Contribuiu tanto para a prática como para a teoria. Como nosso projeto foi realizado ao ar livre conhecemos leitores jovens, adultos e principalmente crianças e através desse projeto conheci qual era as leituras que esse público gostava, assim facilitando futuramente minha vida profissional e como nas nossas aulas podemos conhecer um pouco mais sobre o letramento literário e alguns autores assim contribuindo e fortalecendo a visão para nossas vidas acadêmicas e profissionais.”*

Apesar da pergunta feita a essa questão ter sido sobre a presença de contribuições práticas ou teóricas, e o informante 3, ter confirmado a contribuição para a sua formação através do projeto de ambas as formas, devemos analisar este relato a partir da ideia do projeto como uma atividade diferenciada na formação destes professores. Entendemos como uma atividade diferenciada porque além de proporcionar a pesquisa e experiências práticas, ele tornou possível o contato com pessoas de diferentes faixas etárias, proporcionou o trabalho com esse público vasto, num ambiente totalmente contrário ao da escola.

Fazer parte da organização de um círculo de leitura num ambiente de livre circulação, com pessoas de diferentes perfis, exige destes professores em formação, comprometimento de forma autônoma, resultando em experiências de contato e mediação de leitura.

RD – entrevistado 4: *“Tanto prática quanto teórica, vi que na prática a teórica é mais complicado (nem sempre dá certo). Mas contribuiu das duas formas.”*

Outro trecho da entrevista que merece destaque é o seguinte: *“Tanto prática quanto teórica, vi que na prática a teórica é mais complicado (nem sempre dá certo).”* Quando questionado se o CL lhe acrescentou conhecimentos de forma prática ou teoricamente, ele (o entrevistado) responde que foi uma via de mão dupla, no entanto ele toca em um ponto interessante. Ele concluiu que a teoria é mais complicada porque nem sempre irá condizer com a realidade e situação em que o estudante e comunidade se inserem. Ao dizer que nem sempre dá certo, não declara necessariamente que a teoria está falida, muito pelo contrário, o que se faz necessário nesse processo de construção e conhecimento é que haja flexibilizações, construindo um mediador intuitivo e autônomo, bem como irão surgir novas pesquisas.

RD – Entrevistado 5: *“O projeto trouxe sim contribuição práticas intercalando com a teórica. O projeto consistia em levar a leitura literária até o público. Nós promovemos encontros semanais com um grupo de crianças com faixa etária de 3 a 12 anos.”*

Aqui, o entrevistado responde que houve sim aquisição de conhecimentos práticos acompanhado da teoria, e embora não explicita quais e como ocorreram a aquisição e mobilização de tais conhecimentos. Podemos observar aqui, que explicitamente a regularidade presente nesta resposta é o balanceamento da prática e da teoria.

RD – entrevistado 6: *“Práticas e teóricas, porque estudávamos a teoria para subsidiar nossa prática durante o projeto. Os diversos textos teóricos que lemos nos auxiliou, nos preparou para atuarmos em público, como por exemplo no modo como abordávamos o público, o modo como contávamos as histórias, tudo isso partiu da teoria, de nossos estudos teórico na sala de aula.”*

Mesmo aos olhos de um leitor comum, fica claro que a regularidade que buscamos aqui e que se sobressai com bastante clareza é a presença da relação entre a teoria e a prática. Em sua resposta, ele descreve perfeitamente essa relação, mas diferente dos demais e dos que já analisamos, o entrevistado 6 não descreve a pesquisa, ou o uso da teoria apenas nas questões estritamente relacionadas a literatura, o que nos faz constatar que esse estudo em sala, para execução do projeto, foi bem abrangente. Houve um estudo prévio para ajudar no relacionamento com o público, desde a abordagem, porque se tratava de um espaço com livre circulação, até as atividades de contação de histórias.

Embora este entrevistado não tenha descrito, como participantes do projeto, podemos afirmar que Cosson (2014) foi essencial neste caso, pois ele direciona todas as suas ideias para a articulação do círculo de leitura, tanto para as formas de estruturação quanto para o funcionamento. E nesses casos em que acontece ao ar livre, ele declara que há um desafio maior para os mediadores. Pois em círculos estruturados e semiestruturados, uma regularidade na faixa etária e competência de leitura dos participantes e quando as atividades são num espaço de livre circulação, só existe a possibilidade de fazer um círculo aberto, cabe então ao mediador estudar estratégias específicas para garantir o bom funcionamento do grupo.

RD – entrevistado 7: *“Sim! Com certeza trouxe as duas experiências, até mesmo porque é muito difícil dissociar teoria e prática, sendo que, uma depende muito da outra. Não tem sentido desenvolver um projeto sem significado e o significado desse era levar leitura, estimular o ato de ler às pessoas.”*

O entrevistado 7 declara que com toda a certeza, a sua formação foi enriquecida pela teoria e pela prática durante a realização do projeto, segundo ele porque é muito difícil de separar a teoria da prática e as duas em conjunto, garantem que o objetivo do projeto seja alcançado. No artigo intitulado *A relação teoria e prática no processo de formação docente*, os autores Pacheco, Barbosa e Fernandes também compartilham deste olhar a respeito destas duas dicotomias. Para eles a teoria é o conhecimento sistematizado em graus e especificidades, que ilustram ações práticas. E a prática é descrita como a concretização da teoria, ações concretas que podem ser modificadas ou modificar a teoria, a partir da pesquisa num processo de construção da ciência.

Considerando esse ponto de vista, uma não pode existir sem a outra, e cabe aos docentes em formação articular os conhecimentos produzidos a partir daí, de forma reflexiva, mas garantindo que sua formação também perpassa por experiências empíricas, adquiridas através de meios como este projeto em discussão, ou mesmo através do estágio obrigatório.

RD – entrevistado 8: *“Práticas e teóricas, porque estudávamos teoria para subsidiar nossa prática durante o projeto. Os diversos textos teóricos que lemos nos auxiliou, nos preparou para atuarmos em público, como por exemplo, no modo como abordávamos o público, o modo como contávamos as histórias, tudo isso partiu da teoria, de nossos estudos teóricos em sala de aula.”*

Assim como em outra entrevista que analisamos anteriormente, esta também revela a regularidade existência da relação teoria e prática, a informante revela que usou a teórica com tripé para sustentar a prática. A partir do que diz o entrevistado, inferimos que essa base

teórica foi a mesma do projeto de forma geral, principalmente Cosson (2014), como já foi dito antes.

Mas porque quando questionado sobre a presença da relação teoria e prática, a grande maioria responde que tiveram que ser capacitados teoricamente para só então exercerem a prática? Porque para aquela turma de alunos, o projeto foi algo totalmente inovador, os acadêmicos precisavam saber todas as noções básicas que permeavam essa iniciativa, por isso, vemos que este e outros entrevistados respondem que foram orientados desde a forma de abordar o público a forma de mediar as leituras.

RD – entrevistado 9: *“O projeto me trouxe a oportunidade de colocar em prática todas as teorias, assim nos viabilizando de ter nosso primeiro contato no campo da licenciatura.”*

Anteriormente falamos sobre a preparação específica para o projeto de leitura e consequentemente as teorias que foram estudadas. No entanto esse entrevistado não faz esse recorte, fala de uma forma mais geral, apontando estudos teóricos que resultaram na primeira experiência como professor. De fato, as atividades exercidas ao longo do CL foram o primeiro contato com o mundo da docência, pois estes alunos ainda não tinham realizado nenhum estágio. Diante dos apontamentos feitos, a regularidade percebida é também a existência da teoria e da prática no CL.

RD – entrevistado 10: *“Nós tínhamos que estudar a teoria antes de ir realizar a prática, então aprendíamos como deveríamos lidar com os alunos, como funcionavam os círculos de leitura, e como era que tinha que ser realizada a leitura, não era de qualquer jeito, só depois íamos realizar as atividades. Dessa forma a gente pôde ver a teoria e a prática e trabalhar com elas.”*

Aqui, também observamos a teoria e a prática é a regularidade na qual essa resposta se encaixa. O entrevistado 10, assim como outros anteriores, que pudemos analisar, descreve que a teoria entrou com uma preparação adiantada para a execução das atividades, aqui ele descreve de forma detalhada de como isso aconteceu. Para Pacheco, Barbosa e Fernandes (2017), é assim que deve ser a formação do professor, para eles, separar a teoria e a prática durante a formação de professores, fragiliza a formação destes docentes, pois impossibilita que esses futuros professores

RD – entrevistado 11: *“O projeto trouxe contribuições com teoria e prática. As duas coexistiram o tempo todo, visto que era preciso estudar o funcionamento do projeto para depois pôr em prática. Além disso a professora também nos orientava quando era preciso.”*

A regularidade encontrada aqui é a existência da relação teoria e prática que ele afirma que coexistiram o tempo todo, fosse através dos estudos realizados pelos próprios acadêmicos, fosse pela orientação e esclarecimentos da professora. É interessante voltara a atenção para o trecho que ele fala sobre ter a orientação da professora, quando preciso.

Pois quando falamos em teoria, é comum vir a mente, textos, livros ideias grandes e complexas, no entanto, não é exatamente assim, como neste caso, as orientações da professora representam um estudo teórico para aquele grupo de alunos, pois certamente, elas se baseiam em estudos próprios e na sua formação dada através de vários teóricos.

Esclarecendo desta forma vemos que tanto não é possível separar a teoria da prática, quanto é impossível que isso aconteça em situações como essa, onde há um planejamento rigoroso das ações. Somente quando não há um planejamento como este que teoria deixa de existir, portanto se dissociam. Pacheco, Barbosa e Fernandes falam que quando isso acontece tais ações não possuem objetivos, nem se tornam significativas para a formação de professores e para a produção de conhecimento.

RD – entrevistado 12: *“As duas coisas. Antes de começar o projeto a gente foi preparado ne?! A professora trabalhou a teoria, aí só depois que colocamos em prática. A gente pesquisou, leu e só depois fomos para a rua. Aí é o que eu carrego, mesmo estando formada, eu não vou estar preparada para o que der e vier, vou ter que fazer como fiz lá, sentar-se e pesquisar e ver na teoria, para depois eu aplicar na prática da melhor forma.”*

Ao buscarmos a regularidade que salta a essa entrevista, podemos ser superficiais e entender a presença da relação teoria e prática se olharmos também superficialmente. Mas o entrevistado 12 fala muito mais do que essas duas coisas, o entrevistado 12 viu o projeto como o primeiro contato e preparação prática para a rotina docente, concluímos então o projeto como atividade diferenciada como sendo a regularidade a qual se encaixa. Apesar de intensas pesquisas, muitas leituras, dedicação e esforço, os quatro anos de possam aparecer. Torna-se professor trata-se de uma tarefa inacabada, é preciso ter uma consciência de que sempre há algo a aprender, e depois de aprendido, é comum que um saber passe por adequações ou inovações.

RD – entrevistado 13: *“Práticas e teóricas, estudamos primeiro pra pôr em prática.”*

RD – entrevistado 14: *“O projeto contribuiu com o entendimento do que é letramento literário, pois saímos da ideia de que a teoria e prática são coisas distintas, unindo-as nesse projeto.”*

Aqui voltamos a uma discussão antiga sobre até que ponto chega à relação teoria e prática. Como o entrevistado se expressa de forma sucinta, fica claro que ele reconhece essas

duas coisas como interdependentes, mas fica claro também que o CL funciona como um esclarecedor, visto que antes do projeto os acadêmicos ainda não tinham essa consciência. Concluimos aqui então, vendo que o projeto satisfaz o processo de formação deste futuro professor, como uma atividade diferenciada para a formação de professores em pré-serviço.

RD – entrevistado 15: *“As duas.”*

Quanto a terceira pergunta, **3) O projeto CL proporcionou novas experiências? Ou mudança do seu ponto de vista a respeito da leitura literária? Se sim, fale sobre** obtivemos as seguintes respostas:

RD – entrevistado 1: *“Sim, me proporcionou novas experiências, e como já foi dito, ampliou meu ver e me sensibilizou, fazendo existir em mim, um lado afetivo.”*

Aqui, apesar de não detalhar quais foram as novas experiências, o entrevistado 1 diz o projeto CL proporcionou o surgimento da afetividade pela sua profissão, isso em decorrência da sensibilização da realidade com os alunos. Quando ele usa a expressão “afetivo” para descrever seu sentimento pela sua profissão, nesse recorte discursivo, compreendemos que além de uma sensibilização, houve uma conscientização das condições sociais, culturais ou familiares do seu público paralela a conscientização do seu papel de agente transformador.

É muito interessante ver esses relatos de identificação afetiva com a profissão, a partir do projeto, por parte desses professores. Pois essas experiências não são de modo algum menos importantes que outras de cunho mais técnico, didático ou pedagógico. Muito pelo contrário, esse processo pelo qual o professor se identifica e cria afeto torna o professor bastante consciente do seu papel em sala de aula. No qual ele não se constitui inimigo do aluno problemático e com dificuldades, mas um educador consciente da origem dos problemas de seus alunos e disposto a criar estratégias mais estimulantes e eficientes de aprendizagem.

RD – Entrevistado 2: *“O projeto me proporcionou sim novas experiências, foi partir dele que eu tive a oportunidade de ter meu primeiro contato como mediadora de leitura literária, experiência que me acrescentou bastante em questão de aprendizado, e me fez perceber o quão importante é a mediação na formação de novos leitores.”*

Segundo a participante, o projeto lhe proporcionou novas experiências: *“Sim, me proporcionou novas experiências, e como já foi dito, ampliou meu ver e me sensibilizou, fazendo existir em mim, um lado afetivo.”* É a partir desse enunciado, podemos inferir que antes do projeto ela via o curso de letras apenas como via de qualificação e docência unicamente de maneira profissional, pois foi a partir do projeto que ela desenvolveu afetividade pelo trabalho de ensinar e houve sua identificação como um agente de

transformação. Além do desenvolvimento dos laços afetivos com o trabalho de ensinar, fala da contribuição teórica, pois todas as descobertas e conhecimentos mobilizaram estudos posteriores em sala.

RD – entrevistado 3: *“Creio que os dois, porque por meio do projeto mudou minha visão com a falta de leitura da sociedade, muitas crianças relatavam que não tinha livros, que seus pais não tinha tempo para ler com eles e eles nunca viu seus pais ler algum livro, e tudo isso sem motivação, sem inspiração, sem apoio de alguém em casa e da escola é difícil contribuir para leitores, por meio desses relatos me despertou uma contribuição quando eu estiver exercendo minha profissão, poder contribuir para os meus alunos a ir em uma biblioteca, levar livros para a sala de aula e dessa forma despertando o interesse para futuros leitores.”*

Neste caso a regularidade que encontramos é o envolvimento dos professores em formação com a realidade dos participantes, e só então a partir daí, houve as mudanças de concepções, surgiram novos olhares e novos aprendizados. À medida que obtive contato com o público, o entrevistado 3 começou a entender as questões e fatores que motivavam a falta de leitura das crianças daquela comunidade. São múltiplos os fatores, de causas sociais, econômicas e familiar, que refletem todas na ausência dos livros para as crianças, que eram o público desse entrevistado.

Há um consenso em relação a todo esse quadro, exposto acima pelo entrevistado. Torna-se quase impossível o professor formar um leitor sozinho, somente durante o tempo de estadia desse aluno na escola. O ambiente, a família e as condições em que o aluno vive são responsáveis pelo que o aluno vai se envolver quando estiver fora da escola. Uma criança cujos pais não nutrem contato algum com a leitura, e ao invés de livros, se entretém com meios mais tecnológicos como a televisão, dificilmente desenvolverá um gosto literário.

Bem como um jovem que ao invés de se dedicar somente aos estudos, precisa trabalhar meia jornada para ajudar a família, esse provavelmente terá mais dificuldades de constituir o hábito da leitura, jamais a literária. Como disse Petit (2008), elucidamos mais acima, a leitura ou a literatura, não possuem por si só a capacidade de mudar as índoles ou afastar um jovem da violência. Ela apenas abre perspectiva, e afasta da realidade somente no momento de leitura. No final da entrevista, concluímos que o informante embora ciente dos desafios que existem fora da escola, ele tornou-se consciente do seu papel de formador de leitores. Concluímos também que o projeto de extensão em questão cumpriu com seus objetivos, pois tornou possível que os acadêmicos articulassem os saberes, transformando a si

próprio para que pudesse oferecer uma educação significativa a seus alunos, assim como os autores mencionados acima defendem como ideal para a formação de educadores.

RD – Entrevistado 4: *“Sim, a experiência que tive na CL foi tão única e interessante que fez com que me aproximasse mais da leitura. Foi tudo muito incrível!”*

Acima, discutimos que o projeto de extensão tem por dever proporcionar o aprendizado para os acadêmicos, de forma articulada e autônoma, ainda que orientada. O que vemos através do entrevistado 4 é que esse fim, pode ser alcançado através de várias formas. Elencamos três delas como categorias de análise logo no início, (Extensão como atividade diferenciada para a formação dos professores, relação teoria e prática e o envolvimento com a realidade do público participante). A forma com a qual os objetivos do projeto na formação dos acadêmicos se consolidaram, segundo o entrevistado 4 é a leitura. Então temos o projeto como uma atividade diferenciada para a formação desses professores e a leitura, também como um fator de transformação.

RD – Entrevistado 5: *“O projeto CL foi muito gratificante, com ele eu percebi que podemos sim transferir as pessoas/crianças o gosto pela leitura. O que provocou em mim o desejo de continuar incentivando as crianças a ter o hábito de ler, pois percebi que em alguns faltava a oportunidade de ler, alguns nunca havia tido o contato com livros literários e, eles ficavam deslumbrados com os livros. Então fomos em busca de livros de gêneros variados a fim de chamar a atenção de todos. Foi uma experiência totalmente nova e muito gratificante.”*

Neste caso, embora haja semelhanças com o anterior, a regularidade a qual aparece aqui é o envolvimento dos acadêmicos com a realidade do público participante. Pois foi só a partir desse contato que ele conseguiu ver a leitura de forma diferente. É interessante darmos um destaque ao trecho que ele diz que após essa experiência, ele compreendeu que pode incentivar e inspirar o gosto pela leitura. E de fato isso é verdade, somente a figura do professor, tem um grande poder de inspiração ainda mais nas séries iniciais, e esse poder de inspiração multiplica-se quando o professor vai além da sala de aula, com iniciativas de incentivo à leitura, mais duradouras, por exemplo. No entanto o professor não pode ensinar uma matéria que ele não sabe. Petit (2008) fala que o professor não pode dar mais do que tem, mas sabemos que ele também não pode incentivar o gosto pela leitura se ele próprio não tiver uma relação estreita com a literatura.

RD – entrevistado 7: *“Sim! Porque pude perceber na prática, que a leitura não está restrita a sala de aula a leituras obrigatórias, mas está no prazer e na oportunidade de ler ou*

até mesmo de ouvir histórias contadas que estavam escondidas lá no inconsciente de muitas pessoas.”

Todos os outros entrevistados observaram a literatura com um olhar mais profissional, deram a ela um caráter mais didático, ou seja, a colocaram na posição de método importante para o aprendizado e hábito de leitura. E na realidade, estão certos, desde que o professor não torne o texto literário uma estratégia de ensino para outros fins e o faça perder sua essência literária, é até satisfatória essa ocupação e presença constante da literatura na sala de aula.

O que queremos dizer é que este entrevistado trouxe um diferencial de permitir enxergar a literatura como hábito livre de cobranças, objetivos definidos, ou metas. A literatura pode ser sim um passatempo de qualidade, e não está restrita aos livros, sejam eles canônicos ou não. Ela se manifesta de diferentes formas, as vezes mais simples que pensamos, como por exemplo as histórias contadas através de gerações por uma família.

RD – entrevistado 8: *“Sim. Eu fui introduzida no mundo da leitura muito cedo, não sabia ler, mas minha mãe sempre teve o hábito de contar histórias quando eu e meus irmãos éramos pequenos, então o projeto Colmeia Literário só reforçou o meu ponto de vista sobre a leitura literária, que para mim é muito prazerosa! E ainda oportunizou-me mudar de posição, de ouvinte passei a ser contadora(mediadora) de histórias.”*

Segundo o entrevistado 8, ele já tinha, antes do projeto, um contato com a leitura e a contação de histórias, as atividades permitiram então reafirmar seu ponto de vista no decorrer das atividades práticas. O entrevistado 8 usa o adjetivo “prazerosa” para descrever como a leitura é vista por ele e o que ela lhe proporciona.

É compreensível que ele encontre prazer na leitura, pois ele já tem contato com ela desde muito cedo e provavelmente de muitas formas diferentes, ou seja, além de um contato de longa data, sua relação com a leitura não está baseada somente em textos didáticos ou livros canônicos, sua relação com a leitura aconteceu da forma mais leve e natural, através da contação de histórias. Cosson (2014) nos fala sobre esse cuidado que precisamos ter, de durante a prática docente não limitarmos o reconhecimento a literatura a textos canônicos.

RD – entrevistado 9: *“Além de me proporcionar novas experiências, me engajou em novas seleções de textos literários fazendo com que abrisse meus novos horizontes de possibilidades e aprendizagens.”*

Devemos analisar esse recorte discursivo sob a regularidade do projeto CL como uma atividade diferenciada na formação de professores. Embora o entrevistado não explicita quais foram essas novas experiências, ele relata que houve um engajamento da sua parte em novas

leituras. Além disso, ele usa a expressão “novos horizontes”, para designar o que podemos inferir que seja novas formas de trabalho com a leitura e com a literatura.

RD – entrevistado 10: *“Sim. Eu percebi o quanto a leitura por si só.... ler bem, ter o hábito de ler desenvolve o aluno, principalmente quando é criança. E que não é uma coisa de outro mundo para eles, se incentivar a leitura eles acabam por desenvolver o gosto pelos livros, então não vão achar a leitura e a literatura uma coisa chata quando estiverem adultos.”*

A regularidade que percebemos aqui é o envolvimento do acadêmico com a realidade do público participante, que inferimos que seja infantil. Esse envolvimento lhe proporcionou entender os bônus que traz o incentivo da leitura desde o início da vida escolar da criança.

Um detalhe nessa entrevista que deve ter um destaque, é quando ela fala que a leitura desenvolve o aluno. Quando falamos de incentivo à leitura, ou da importância da mediação e apoio a leitura, pode ocorrer aos leitores pensar que estamos supervalorizando a leitura e a língua portuguesa em detrimento de outras áreas, o que não é verdade. O que acontece é que é constatado que se for um hábito duradouro e praticado de forma correta, o contato com a leitura proporciona a interação, ajuda na comunicação, criatividade e capacidade reflexiva, e conseqüentemente facilita o aprendizado de outras áreas e disciplinas.

RD – entrevistado 11: *“A principal lição que o projeto me trouxe foi que o contato e o hábito de ler livros, pode se tornar tão comum como qualquer outro. Entendi que ler literatura é confundido com uma coisa chata, fora de moda, sem espaço, aprendi que não é verdade.”*

A regularidade que percebemos nesse recorte discursivo é o projeto existindo como uma atividade diferenciada na formação de professores. Diferente de todos os anteriores, o informante 11 usa o termo “lição” para descrever o que o projeto lhe proporcionou. Pois ele compreendeu que o hábito de ler pode ser cultivado como uma forma de lazer, assim como a prática de atividades físicas, por exemplo.

RD – entrevistado 12: *“Eu já sabia que a leitura era muito importante, mas nunca tinha lidado assim na realidade com essa situação. Porque algumas pessoas ignoravam nosso grupo e os livros a literatura nem sempre é uma opção boa para as pessoas, como o celular, praticar esporte... o projeto me mostrou a realidade nua e crua, que é preciso uma coisa para chamar a atenção as vezes, porque mesmo sabendo que ler é importante para a criança aprender, até os adultos, as pessoas colocam em último lugar na vida.”*

Embora esse recorte discursivo tecnicamente se encaixe na categoria de envolvimento dos acadêmicos com a realidade do público. Esse depoimento aqui presente é mais uma

constatação de um problema já bastante discutido neste trabalho anteriormente, que é a importância mínima que a leitura tem atualmente.

O informante relata ter sido ignorado, fato que mostra o contraste da importância que a literatura tem, em relação ao celular por exemplo. Isso acontece não é só devido aos hábitos dos jovens. Deixar os livros de lado em busca de passatempos bem mais interativos e tecnológicos é um hábito que vem sendo incorporado aos costumes dos adultos há muito tempo. Como ele disse, nem os adultos dão importância para a necessidade desses estímulos.

RD – entrevistado 13: *“Foi uma experiência nova, montar um círculo de leitura e ler e escolher os livros, para depois levar para a rua, e ter que agir sozinho sem o professor, só com os colegas. É uma sensação de ter mais autonomia, foi um tempo curto que realizamos as atividades na prática, mas exigiu muito esforço, tudo isso conta na formação da gente, aprender agir e lidar em situações parecidas. Interagi também com as crianças e elas eram carentes de atenção e educação, foi um trabalho de professor mesmo.”*

Para esse recorte poderíamos enxergar duas regularidades possíveis, que é o C.L. como uma atividade diferenciada de formação de professores e a relação teoria e prática. No entanto julgamos ser a segunda a mais adequada, pois contempla todo o trabalho que o informante 13 descreve, que é o planejamento e a execução das atividades.

O informante fala sobre a autonomia que o projeto lhe conferiu, pois segundo ele, ele aprendeu a lidar com as crianças, em situações diversas, sem o apoio do professor, além de toda a dinâmica que envolve a preparação do círculo. Ao final da entrevista, também podemos ver que ele fala que apesar de julgar curto o tempo de duração do trabalho ele pôde constatar que os problemas que as crianças enfrentavam em relação a leitura eram devidos a carência de estímulo e atenção.

RD – entrevistado 14: *“O projeto trouxe novas experiências tanto com o alunado quanto na forma do fazer literário, pois tive que trabalhar de forma lúdica, adaptando histórias e a língua para que as crianças gostassem das histórias. Quanto ao meu ponto de vista sobre a leitura literária, por que sempre tive uma enorme paixão, não houve grandes mudanças, apenas mais paixão.”*

Nesse recorte discursivo, vemos que o envolvimento deste informante foi o que mais se destacou na sua participação do projeto e o que mais deu resultado, porque apesar do informante ter relatado que não houve grandes mudanças na sua forma de pensar, ele descreve várias formas, dinâmicas, que se tornaram necessárias para a realização do seu trabalho.

E foi a partir dessas adequações na sua prática docente e na sua mediação que ocorreu seu aperfeiçoamento profissional, pois sem dúvidas, surge experiência para lidar nas mais

variadas situações. O entrevistado 14 usa a palavra paixão para designar a sua relação com a docência, o que faz compreender que suas ações foram motivadas não só pelo lado profissional, mas também pelo afetivo.

RD – entrevistado 15: *“Para mim o projeto Colmeia Literária possibilitou que eu entendesse que exercer a profissão docente é um desafio porque mesmo os alunos de séries avançadas, nem todos tem domínio da leitura. Muitos passam sem saber ler não tem incentivos em casa, então pelo menos em minha didática eu ficarei em leitura e interpretação de textos”.*

O entrevistado 15 teve percepções bem mais técnicas e profissionais que o anterior e toca em um ponto muito importante, um problema que muitos professores enfrentam, que a dificuldade de ler, por vários fatores mesmo nas séries mais avançadas. Quando falamos em incentivo à leitura literária, pode ocorrer aos leitores imaginar que isso é um desafio apenas das séries iniciais, o que não é verdade. O desafio é maior ainda quando se tem que lidar com jovens conscientes de seus próprios gostos e passatempos, passatempos estes que como disse Petit (2008) estão cada vez mais tecnológicos e imediatistas, longe dos livros, Petit vai além, para ela o desafio de aproximar e envolver os rapazes é bem maior para os professores que as meninas. Isso se deve aos estereótipos que a sociedade impõe sobre a figura masculina. Para Petit (2008) alguns rapazes acabam sendo ensinados que não devem manter uma relação perceptiva e sensível com a literatura.

Para a última pergunta, que se encontra abaixo, obtivemos as seguintes respostas:

“Em relação ao público participante, quais os resultados foram por você percebidos? Isso contribuiu com seu aprendizado de alguma forma?”

RD – entrevistado 1: *“Em relação ao público participante, os resultados percebidos foram de que a maioria das crianças que passaram por ali, tinham dificuldades com leitura, e obviamente com a escrita, viam a língua portuguesa como uma inimiga, e pareciam não ter incentivo da parte da família, nem dos próprios professores. E isso contribuiu, para quando eu finalmente estiver em uma sala de aula, incentivar e trabalhar mais com leitura com meus alunos.”*

Este recorte discursivo nos é útil perfeitamente como um retrato do que acontece quando a leitura é ignorada na educação de jovens e crianças, surge um déficit de aprendizagem muito difícil concertar depois, pois interpretação de texto, coerência e coesão, habilidades de argumentação, por exemplo, não são necessidades exclusivas da disciplina de língua portuguesa, muito pelo contrário, são habilidades necessárias para a vida.

Após vivenciar essa experiência, o entrevistado mostra disposto a incentivar a leitura em sala de aula. Concluímos então que nesse recorte discursivo, se sobressai a ideia de um envolvimento do acadêmico com o público participante, pois foi a partir desse envolvimento, dessa relação mais estreita, que o acadêmico fez essas descobertas e constatações, traçou um perfil desses alunos, ou melhor dizendo, das origens dos problemas desses alunos.

RD – entrevistado 2: *“Meu grupo focou em crianças de uma escola municipal, que tinham em média oito anos de idade e estavam aprendendo a ler. Percebemos que todos eles se interessavam nos livros que levamos, nas histórias que apresentamos a eles, e nos receberam com muita animação todas as vezes que íamos a escola. Por entendermos que, na maioria das vezes, entregar o livro ao indivíduo e esperar que ele leia não é o suficiente para que seja formado um leitor, nos empenhamos em colocar em prática técnicas que fossem adequadas para conseguir a atenção dos alunos aos livros. Por essa razão, acreditamos ter plantado em cada criança uma sementinha, para que ali, com ajuda do C. L., cresçam novos leitores.”*

Ao falar do público com o qual interagiu, o entrevistado disse o seguinte: *“Por entendermos que, na maioria das vezes, entregar o livro ao indivíduo e esperar que ele leia não é o suficiente para que seja formado um leitor, nos empenhamos em colocar em prática técnicas que fossem adequadas para conseguir a atenção dos alunos aos livros.”* Este trecho reflete com muita clareza a atuação do professor em sala de aula, pois nem sempre irá acontecer de forma livre e espontânea, uma leitura proveitosa por parte dos alunos. O papel de mediador não se limita apenas a apresentar o livro e ordenar as leituras e posteriormente colher informações. Dependendo da idade e habilidades dos alunos, é preciso que métodos didáticos sejam usados pelo professor, como forma de estimular o interesse do aluno pela leitura proposta, e assim obter o envolvimento destes.

RD – entrevistado 3: *“Creio que os dois, porque por meio do projeto mudou minha visão com a falta de leitura da sociedade, muitas crianças relatavam que não tinha livros, que seus pais não tinha tempo para ler com eles e eles nunca viu seus pais ler algum livro, e tudo isso sem motivação, sem inspiração, sem apoio de alguém em casa e da escola é difícil contribuir para leitores, por meio desses relatos me despertou uma contribuição quando eu estiver exercendo minha profissão, poder contribuir para os meus alunos a ir em uma biblioteca, levar livros para a sala de aula e dessa forma despertando o interesse para futuros leitores.”*

Podemos ver aqui, uma pequena semelhança desse recorte discursivo com o anterior, pois os dois falam, acima de tudo da ausência da leitura no dia a dia das crianças e dos jovens.

O informante faz um desabafo, ele confessa que as ações do projeto C.L. acabam por tornar-se inúteis, pois é muito difícil formar um leitor apenas com algumas horas de aulas, duas ou três vezes na semana, se quando ele chega em casa, não vai haver estímulos nenhum para a continuação do trabalho. É um trabalho que precisa ser feito em conjunto, a família, a escola e a sociedade através de oferecimento de atividades similares a essa, realizada no C.L.

Como no entrevistado anterior, concluímos que houve aqui, um envolvimento do acadêmico, com a realidade do público. E como no anterior, ele usa esse mapeamento das causas que motivam cada vez mais a ausência de leitura entre os jovens, essa relação acabou por mudando sua forma de ver o problema e o incentivando a priorizar mais os livros em sala de aula.

RD – entrevistado 4: *“Contribuiu sim, ver elas daquele jeito me fizeram perceber como a leitura muda a vida das pessoas, por mais que elas sejam crianças.”*

Embora este entrevistado seja bastante sucinto, ele traz uma constatação muito interessante que é a capacidade de mudança de perspectiva de vida que a literatura possui, e o impacto que esse impacto tem na vida da criança. Através dessa constatação que ele faz, podemos inferir que houve uma aproximação dele com a realidade das crianças que faziam parte do seu público.

RD – entrevistado 5: *“O projeto C.L. foi muito gratificante, com ele eu percebi que podemos sim transferir as pessoas/crianças o gosto pela leitura. O que provocou em mim o desejo de continuar incentivando as crianças a ter o hábito de ler, pois percebi que em alguns faltava a oportunidade de ler, alguns nunca havia tido o contato com livros literários e, eles ficavam deslumbrados com os livros. Então fomos em busca de livros de gêneros variados a fim de chamar a atenção de todos. Foi uma experiência totalmente nova e muito gratificante.”*

Ao lermos a entrevista, se sobressai a ideia da existência do projeto como uma atividade diferenciada, pois essa nova experiência de mediação, que segundo ele houve, dificilmente ocorrerá por meio da docência cotidiana. Mais uma vez a habilidade de mediação é pontuada, desde a etapa da seleção das obras, até o ponto em que o mediador serve de modelo a seguido e figura de incentivo à leitura literária. Petit (2008) fala que são vários os fatores que contam para a formação de um leitor, fatores sociais, culturais e até mesmo familiares. Os jovens precisam ter acesso aos livros e um ambiente para garantir a boa leitura. Depois desses fatores, vem a influência do mediador, que quase sempre são os pais e os professores.

Petit (2008) considera válida a ideia de que o mediador pode transferir o gosto pela leitura, como relatado pelo entrevistado 5. Isso acontece quando a relação do mediador com a leitura é livre, respeitando a imaginação e os gostos dos seus alunos leitores, e nesse processo, Petit (2008) considera a troca de experiências em voz alta de grande importância, pois aproxima a leitura dos outros alunos ouvintes.

RD – entrevistado 7: *“Nosso público foi muito especial, eram pessoas idosas e com bastante restrições físicas, mas percebemos que no decorrer do projeto elas atuaram de maneira muito positiva, participaram das rodas de leituras, arriscaram até a contar histórias de suas infâncias. E essa experiência foi muito importante para que pudéssemos perceber a importância da leitura na vida das pessoas. E que esse estímulo deve estar associado ao trabalho constante do professor.”*

Está desta forma, implícito um exemplo do poder de socialização que a leitura coletiva tem, quando é mediada de forma correta, escolhendo os livros absorvendo cada participação de forma proveitosa, entendendo que quando um participante idoso resolve contar uma história de sua infância, como relatado neste caso, ele está contribuindo literariamente, conforme sua concepção e seu entendimento permitem. Neste caso, o resultado foi uma socialização e uma reinserção da literatura na vida destes idosos, de uma forma livre, dinâmica e sem estereótipos de leitura ou literatura ideal.

RD – entrevistado 8: *“Em relação ao público participante, percebi que aquela ação que fazíamos naquele local era algo prazeroso para eles, ficavam entusiasmados com a ação, perguntavam se íamos voltar novamente, se estávamos vendendo livros, no começo com um pouco de receio, mas depois foram caindo no ar da graça que a literatura proporciona, o de viver experiências inovadoras. Tinham crianças que disseram nunca terem ouvido uma história, e aquele momento ali era uma experiência nova e contagiosa que iriam sempre querer mais.”*

Quando questionada se havia percebido algum resultado em relação ao público no final do projeto, o entrevistado 8 cita a própria realização do projeto como benefício para esse público, para ele o resultado foi o envolvimento de parte do público com a rotina do projeto e a interação com os acadêmicos.

Através do recorte discursivo deste informante, podemos concluir que embora não fosse um público exclusivamente infantil, a maioria dos frequentadores dos círculos eram crianças e que algumas delas relataram nunca ter ouvido algum membro da família contar histórias. Depoimentos como esses dessas crianças é mais uma forma de nos mostrar a falta de conscientização sobre as diferentes formas de manifestação da literatura, as famílias de

classe social baixa e sem escolaridade geralmente não reconhece na contação de histórias nenhum valor literário, dessa forma passa batido uns dos meios mais simples e ricos de manifestação da literatura. E após fazermos essa releitura desse recorte discursivo, só podemos chegar à conclusão de que a regularidade encontrada aqui é o envolvimento do acadêmico com a realidade dos alunos.

RD – entrevistado 9 *“Os resultados obtidos foram interação em diferentes aspectos, no campo da leitura e da oralidade dos alunos. Dessa maneira despertando a curiosidade e o entusiasmo pela leitura literária.”*

Para esse informante, os resultados percebidos por ele em relação ao público, foi o desenvolvimento oral, melhora na leitura e no interesse pela literatura, através do contato com a leitura e através também da sua mediação. Esse informante não foi o único que citou a palavra “curiosidade” para descrever os resultados do projeto, em outros recortes discursivos anteriores também podemos encontrar essa mesma palavra, usada no mesmo sentido, que é descrever a relação dos participantes com a leitura literária no final do projeto. De fato, a curiosidade e o envolvimento da criança com a leitura são muito satisfatórios para quem realiza a mediação, mas não é o resultado alcançado de qualquer forma.

Não é possível conseguir que a criança sinta curiosidade pelo mundo dos livros, se os livros que forem apresentados a ela for uma obra canônica do século passado por exemplo, assim como não é possível que ela sinta curiosidade por novas histórias, se os textos que lhe são apresentados, tem apenas fim didáticos. Aguçar a curiosidade e participação das crianças, exige uma dose lúdica considerável, exige os livros certos, as abordagens certas e principalmente uma mediação ou orientação de alguém cujo objetivo seja construir pontes e não barreiras.

RD – entrevistado 10: *“Sobre os alunos, ao longo do projeto, percebi que eles ficaram mais interessados, eles perceberam que estávamos nos dedicando realmente, então eles estavam mais dedicados também. Vou levar para minha profissão que nós professores temos que nos dedicar nas tarefas que formos fazer, para que os alunos entendam a importância de cada coisa, se dedicar apendendo sobre o assunto para explicar bem e se empenhando para eles fazer da melhor forma, seja criando regras.”*

Acima de tudo, esse recorte discursivo traz uma lição muito importante quando se fala em docência e formação de professores. A lição de que é necessário que o professor se envolva de corpo e mente com a prática de ensinar, isso acaba por fazer do professor um eterno aluno e pesquisador, e é por sua vez bem mais cansativo. No entanto como vimos no

depoimento acima, é perceptível quando há uma dedicação verdadeira do professor com o que está sendo ensinado, e ela se reflete também no envolvimento dos alunos.

Esse envolvimento mútuo se dá, entre outras razões porque quando o professor se realmente se dedica, ele estabelece um objetivo a ser atingido e busca todos os métodos didáticos para que ele seja alcançado, resultando em atividades bem elaboradas e executadas e mais atrativas. Assim há maiores chances dos alunos se envolverem com as tarefas propostas com mais seriedade e entusiasmo. Petit (2008) fala que o mediador de leitura não pode dar mais do que possui, se fizermos uma analogia ao professor, compreendemos que o professor também não pode dar mais do que possui, mas tem a opção de buscar sempre se capacitar para oferecer mais aos seus alunos.

RD – entrevistado 11: *“Sobre os alunos, deu para ver que a maioria acabou gostando da proposta, e interagindo da melhor forma. Ao longo do curso eu pude perceber que trabalhar leitura e literatura com os alunos nem sempre é fácil, alguns não vão gostar, mas o projeto, ele trouxe uma confirmação bacana, a gente vê que nunca vamos agradar e incentivar de verdade todos os alunos, mas se alguns deles aprenderem a gostar e aprender com aquilo, vai ser gratificante, porque trabalhar com literatura abre horizontes, facilita muita coisa no futuro.”*

O entrevistado 11 traz um dado muito importante sobre o funcionamento do projeto, é o retrato um bem realista das atividades, de que nem todos os participantes receberam bem o projeto e foram participativos desde o início, porém isso não significa que as leituras não foram válidas, muito pelo contrário, é aos poucos, exatamente no decorrer do tempo que esse envolvimento acontece.

E como relata esse entrevistado, nem todos os participantes deram a resposta esperada, mas a grande maioria teve bons resultados. Esse foi então o ensinamento que o acadêmico leva para a sua vida profissional, de que terá sempre alguns alunos que não terão bons resultados como a maioria, mas é essencial que isso sirva de incentivo para que o professor busque melhorar sua didática e a fim de envolver esses alunos no processo de aprendizagem, e não veja isso como um desestimulante.

RD – entrevistado 12: *“O público era assim, você tinha que convidar para participar né?! Porque algumas pessoas não paravam, só olhavam mesmo. Mas se fossemos falar com eles, eles davam parabéns pela ação da gente. Mas era visível assim que algumas pessoas nem consideravam a ideia de ler um livro. Parece que acham uma coisa de outro mundo, aprendi que se as crianças não forem incentivadas a ler desde cedo, vai aumentar essa*

situação. Mas eu me considero com mais postura, eu tive que falar, que ler e bem pra pessoas... aprendi deixar a vergonha de lado.”

Começaremos pela contribuição a formação do acadêmico, que em poucas palavras podemos resumir em duas palavras proatividade e autonomia. A partir do que relatou esse informante, ele pertencia a um grupo que atuava ao ar livre, então era preciso antes de tudo, convencer as pessoas a deixar suas atividades programadas para participar do círculo de leitura.

Então lidar com o público exigiu uma postura, mais autoconfiança e ser proativo, porque ele não podia esperar a delegação de uma função para que só então ele tomasse a iniciativa, era preciso autonomia tanto para atrair as pessoas, quando para mediar as leituras ou apresentar os livros. O informante usa o seguinte termo: “deixar a vergonha de lado”. Entendemos por vergonha, que ele se refere a timidez, esses resultados com certeza refletem na atuação em sala de aula.

Embora não tenha explicitado nenhuma contribuição do projeto em relação ao público-alvo das atividades, quanto a isso, ele descreve que das poucas vezes que as pessoas se aproximavam, parabenizava o grupo pela ação, mas não se juntavam para fazer parte do círculo, é o fato das pessoas não terem o hábito de praticar a leitura literária nem mesmo como um passatempo. Quanto ao projeto, de forma geral, vemos que ele significou uma nova experiência na formação desse acadêmico.

RD – entrevistado 13: *“Quando o projeto encerrou eu fiquei triste de ver que as crianças ficaram carentes das atividades, com o decorrer do tempo o projeto não ficava mais só no espaço do grupo de leitura, elas levavam para casa, eu vi o quanto pode significar a leitura na vida delas, se for trabalhada da forma correta. Como professor eu vi que a escola não consegue muitas vezes fazer seu papel direito, então esse tipo de projeto ajuda muito, tem coisas que dá para levar até para dentro da sala de aula.”*

Aqui, o acadêmico atribui ao projeto a realização de conseguir cumprir uma tarefa que muitas vezes a escola não consegue, que é levar a leitura para a vida das crianças. A escola falha nesse sentido por vários motivos, como a falta de estrutura na escola, a falta de formação e capacitação adequada do professor e até mesmo pela falta de vontade do professor.

Compagnon diz que ensinar literatura é uma tarefa desafiadora, é muito além de ordenar leituras, assim torna-se muito mais fácil negar os benefícios da literatura e a anular do que lidar com suas complexidades, outro erro cometido intencionalmente pelo professor é banalizar a literatura, reduzindo-a a um mero passatempo, ofuscando seu valor social, cultural

e crítico, para que não se torne necessário esmiuçá-la antes de a levar aos alunos. Entretanto o entrevistado demonstra ter compreendido o seu papel e observa como resultado a significação da literatura para as crianças através dos seus trabalhos. Vemos claramente não só o envolvimento do acadêmico com seu público, como também os resultados dessa relação.

RD – entrevistado 14: *“Quanto ao público, um dos resultados foi a interação da turma entre si, eles conversavam mais um com os outros, estimulavam os colegas que tinham dificuldade. Meu aprendizado nesse projeto foi em torno do ser professor, de como as práticas devem ser diferentes para os pequenos etc.”*

O acadêmico descreve as contribuições finais do seu público como sendo a interação entre si, após todas as discussões que fizemos, podemos inferir que este grupo ao qual ele pertencia, optou por abordar a literatura de forma a explorar a oralidade, pois este é o meio que proporciona maior interação dos participantes, num curto espaço de tempo.

Os benefícios que ele declara ter visto para a sua formação foi uma experiência mais real do que realmente é ser professor, a necessidade de readequação de suas práticas pedagógicas. Assim, podemos concluir que nesse caso, a regularidade presente é a existência do projeto C.L. como uma atividade diferenciada na formação de professores.

RD – entrevistado 15: *“Acredito que de uma certa forma, o período em que executamos esse trabalho, muitas crianças perceberam a importância de ler. É preciso que tenha mais projetos assim, a literatura é algo tão incrível, é como fazer com que as crianças desfrutem de suas imaginações, pois hoje com computadores, celulares e tablets, as crianças ficam distantes dos livros.”*

Embora o entrevistado 15 não tenha esclarecido nada a respeito de contribuições para a sua própria formação, ele detalha algumas medidas para ajudar a inserir as crianças no mundo da leitura. Tais meios, vão perfeitamente de acordo com o que Petit (2008) discute, que é necessidade de um distanciamento maior dos meios de distração imediatistas e grupais. Aponta como principal contribuição para esse seu público, o infantil, como a percepção da importância da leitura. A regularidade encontrada mais uma vez é o envolvimento do acadêmico com seu público.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho buscando mostrar as contribuições do projeto de extensão colmeia literária, na formação dos acadêmicos participantes, assim como também entender como elas ocorreram. Como visto, para alcançar esse resultado, contamos com a análise de entrevistas realizadas com quinze desses acadêmicos, estabelecemos categorias de análise e verificamos a presença de diversos elementos e fatores, previamente definidos como essenciais para uma formação de qualidade.

Após a fragmentação e organização, buscamos em cada um desses recortes discursivos a presença de elementos indicadores de sucesso ou insucesso do objetivo geral do projeto, que era além de promover a leitura literária, formar educadores autônomos, proativos, críticos e conscientes do seu papel social.

Cada recorte discursivo contribuiu com o nosso trabalho de formas diferentes, mas todas muito necessárias, no sentido de nos descrever seus pontos de vista e informações essenciais que nos permitiram contextualizar o público ao qual se referia cada um dos entrevistados, e assim compreender suas ações, avanços e principalmente suas limitações. Essas, entre outras são informações que permitem traçar um perfil social e cultural do público-alvo do projeto e em suma maioria, os informantes, as suas maneiras nos trouxeram essas informações, uns mais técnicos que os outros, mas nos permitiu entender a dinâmica de funcionamento dos círculos de leitura nos diversos lugares em que se realizavam.

Concluimos então que em todos os casos analisados, a iniciativa conseguiu proporcionar o acesso à leitura literária no espaço em que se concentravam os grupos. No entanto nos torna necessário esclarecer as circunstâncias em que essa interação foi alcançada. Embora não tenha sido possível determinar com exatidão os lugares, foi possível compreender que os informantes pertenciam a círculos realizados em lugares abertos com público livre, quanto a espaços fechados com público determinado, esses são fatores que influenciaram no desempenho dos acadêmicos.

E pudemos constatar que em ambos os tipos de espaços, a relação teoria e prática estão presentes. Quando questionados sobre a existência da relação teoria e prática, todos os acadêmicos responderam que antes de tudo tiveram que fazer um planejamento e pesquisas, que iam desde assuntos mais complexos como a construção de um círculo de leitura, a mais simples como estudar o conceito de mediação e letramento literário.

Desta forma, os professores capacitados a partir do projeto, possuem a competência que segundo Pacheco, Barbosa, Fernandes (2017) são determinantes para um bom professor, que é a habilidade de “organizar, sistematizar e hierarquizar as ideias”, que reflete na prática, na capacidade de adequar e estruturar suas práticas pedagógicas, para uma educação mais democrática e significativa. Os professores em formação também asseguraram que houve autonomia e proatividade, ações sempre pensadas em conformidade com o trabalho futuro de cada um dele.

Pacheco, Barbosa, Fernandes (2017), reconhece na construção da autonomia advinda da experiência prática, chave para o amadurecimento profissional do futuro professor, pois para ele, é durante esse contato e de forma individual, que o professor reconhece seu trabalho como algo que vai muito além do que o estudado na academia.

Daí vê-se a relevância que a relação teoria-prática possui nessa primeira fase de sua formação, pois dessa maneira, o discente perceberá desde cedo o possível cenário e a realidade que o cercará durante sua carreira profissional. Com isso, lhe será oportunizado desenvolver práticas emancipatórias vinculadas às teorias com destreza e autonomia, tendo um pensamento consciente de que sua formação não se limita ao espaço acadêmico, mas sim é uma construção contínua, construindo saberes, conhecimentos e vivenciando experiências dentro e fora das instituições (PACHECO; BARBOSA; FERNANDES, 2017, p. 336).

O projeto proporcionou aos acadêmicos, contato direto tanto com a leitura quanto com a mediação da leitura literária, permitiu que os futuros educadores tivessem contato com público diversos, que requeriam posturas variadas, métodos de leituras e mediação diferentes. Diante desses públicos diversos, permitiu aos acadêmicos entender a realidade, as possíveis origens dos problemas de leitura e que assim traçassem melhores forma de estimulá-los

Fora do âmbito profissional, levou aos futuros professores, experiências estimuladoras afetivas, contribuiu para torná-los antes de tudo indivíduos sensibilizados com a necessidades do seu próximo. Assim ficou evidente que o projeto cumpriu com seus objetivos, pois os professores passaram por todas as etapas primordiais em sua capacitação, a pesquisa e a prática reflexiva, conscientes que suas funções não são a mera reprodução de métodos e conhecimentos, mas agentes na produção do conhecimento, reinventores de práticas e formadores de ideias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <[Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades | RAE Publicações \(fgv.br\)](#)>. Acesso em: 05 jan. 2020.

PACAGNAN, Mário Nei; GIMENEZ, Fernando Antonio Prado; RUBO, Marcos. Estratégia como prática: uma alternativa de pesquisa a partir do paradigma interpretativista e suas categorias. **Revista ADMpg Gestão Estratégica**. Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 77-85, 2012. Disponível em: <https://revistas.apps.ueog.br/index.php/admpg/article/view/13989/209209211106>>. Acesso em 12 abr. 2020.

PACHECO, Willyan Ramon de Souza; BARBOSA, João Paulo da Silva; FERNANDES, Dorgival Gonçalves. A relação teoria e prática no processo de formação docente. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**. Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 332-340, 2017. Disponível em: <<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/380>>. Acesso em 08 jan. 2020.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PIRES, Olivia da Silva. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação Infantil para a formação do futuro leitor**. 2011. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Maringá, 2011.

RODRIGUES, Andréia Lilian Lima *et al.* Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais**. Aracaju, v. 1, n. 16, p. 141-148, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br0/index.php/cadernohumanas/article/view/494/254>>. Acesso 27 jan. 2020.

FORPROEX. I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Brasília: UNB,

1987. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos/cartas-e-memoria>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

_____. XXXI Encontro Nacional do FORPROEX. **Carta de Manaus**. Manaus, 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos/cartas-e-memoria>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS E RESPOSTAS

- 1) Para você como o projeto CL contribuiu para o seu Letramento Literário?**
- 2) O projeto trouxe contribuições práticas ou só teóricas para a sua formação?**
Explique:
- 3) O projeto CL proporcionou novas experiências? Ou mudança do seu ponto de vista a respeito da leitura literária? Se sim, fale sobre.**
- 4) Em relação ao público participante, quais os resultados foram por você percebidos? Isso contribuiu com seu aprendizado de alguma forma?**

Entrevistado 1:

R. 1: *O projeto literário contribuiu de forma única, para a nossa formação, no ponto de vista de nos proporcionar uma visão mais ampla com o afeto com os alunos, e de apreender e de entender a realidade de cada aluno, que conhecemos naquele local onde foi realizado o projeto literário. Que possamos ter essa visão, na sala de aula.*

R. 2: *O projeto teve contribuições práticas e teóricas, a teórica, dos estudos e aperfeiçoamentos em sala de aula, na própria Universidade, e a prática, na realização do próprio projeto, que aconteceu em um lugar público.*

R. 3: *Sim, me proporcionou novas experiências, e como já foi dito, ampliou meu ver e me sensibilizou, fazendo existir em mim, um lado afetivo.*

R. 4: *Em relação ao público participante, os resultados percebidos foram de que a maioria das crianças que passaram por ali, tinham dificuldades com leitura, e obviamente com a escrita, viam a língua portuguesa como uma inimiga, e pareciam não ter incentivo da parte da família, nem dos próprios professores. E isso contribuiu, para quando eu finalmente estiver em uma sala de aula, incentivar e trabalhar mais com leitura com meus alunos.*

Entrevistado 2:

R. 1: *O projeto Colmeia Literária, por ter me aproximado mais de atividades relacionadas ao letramento literário, acabou me despertando a curiosidade por novas histórias, novos hábitos de leitura não apenas para o público-alvo do projeto (a comunidade fora da universidade) mas para mim mesma.*

R. 2: *Práticas e teóricas. Ao decorrer do projeto recebemos orientações da nossa professora idealizadora do projeto, que nos ajudaram ter mais ideias, pesquisar por mais informações e, por fim, colocar o que aprendemos em prática.*

R. 3: *O projeto me proporcionou sim novas experiências, foi partir dele que eu tive a oportunidade de ter meu primeiro contato como mediadora de leitura literária, experiência que me acrescentou bastante em questão de aprendizado, e me fez perceber o quão importante é a mediação na formação de novos leitores.*

R. 4: *Meu grupo focou em crianças de uma escola municipal, que tinham em média oito anos de idade e estavam aprendendo a ler. Percebemos que todos eles se interessavam nos livros que levamos, nas histórias que apresentamos a eles, e nos receberam com muita animação todas as vezes que íamos a escola. Por entendermos que, na maioria das vezes, entregar o livro ao indivíduo e esperar que ele leia não é o suficiente para que seja formado um leitor, nos empenhamos em colocar em prática técnicas que fossem adequadas para conseguir a atenção dos alunos aos livros. Por essa razão, acreditamos ter plantado em cada criança uma sementinha, para que ali, com ajuda do C. L., cresçam novos leitores.*

Entrevistado 3:

R. 1: *Através do CL contribuiu sim, mostrando que podemos melhorar nosso conhecimento e nossas leituras em qualquer. Quando fizemos o projeto foi feito em um ambiente ao ar livre o “parque CIMBA” com isso pude observar que esses lugares não são somente para exercitar o corpo, mas para exercitar sim nossa mente.*

R. 2: *Contribuiu tanto para a prática como para a teoria. Como nosso projeto foi realizado ao ar livre conhecemos leitores jovens, adultos e principalmente crianças e através desse projeto conheci qual era as leituras que esse público gostava, assim facilitando futuramente minha vida profissional e como nas nossas aulas podemos conhecer um pouco mais sobre o letramento literário e alguns autores assim contribuindo e fortalecendo a visão para nossas vidas acadêmicas e profissionais.*

R. 4: *Creio que os dois, porque por meio do projeto mudou minha visão em a falta de leitura da sociedade, muitas crianças relatavam que não tinha livros, que seus pais não tinha tempo para ler com eles e eles nunca viu seus pais ler algum livro, e tudo isso sem motivação, sem inspiração, sem apoio de alguém em casa e da escola é difícil contribuir para leitores, por meio desses relatos me despertou uma contribuição quando eu estiver exercendo minha profissão, poder contribuir para os meus alunos a ir em uma biblioteca, levar livros para a sala de aula e dessa forma despertando o interesse para futuros leitores.*

Entrevistado 4:

R. 1: *A CL me fez ficar mais próxima da literatura e mostrou como a leitura muda uma pessoa. Quando líamos as histórias para as crianças elas mudavam a feição do rosto, ficavam mais felizes do q antes. E em tudo isso vi o quanto maravilhoso é esse universo literário.*

R. 2: *Tanto prática quanto teórica, vi que na prática a teórica é mais complicado (nem sempre dá certo). Mas contribuiu das duas formas.*

R. 3: *Sim, a experiência que tive na CL foi tão única e interessante que fez com que me aproximasse mais da leitura. Foi tudo muito incrível!*

R. 4: *O que mais me marcou no período em que estive no projeto foi a reação das crianças em receber a leitura: de começo elas estavam bem entediadas, mas depois elas perguntavam quando voltaríamos para lá. Ler e ver elas lendo era muito bom, víamos que elas ficavam feliz. Contribuiu sim, ver elas daquele jeito me fizeram perceber como a leitura muda a vida das pessoas, por mais que elas sejam crianças.*

Entrevistado 5:

R. 1: *Sim. Para levar a literatura para fora do meio educacional, foi preciso aprofundar meus conhecimentos sobre quais leituras deveria levar para público a qual promoveríamos as rodas de leituras, a selecionar os textos de acordo com a faixa etária desse público. Aprendemos a criar estratégias para o ensino da literatura a fim de incentivá-los o hábito da leitura*

R. 2: *O projeto trouxe sim contribuição práticas intercalando com a teórica. O projeto consistia em levar a leitura literária até o público. Nós promovemos encontros semanais com um grupo de crianças com faixa etária de 3 a 12 anos.*

R. 3: *O projeto CL foi muito gratificante, com ele eu percebi que podemos sim transferir as pessoas/crianças o gosto pela leitura. O que provocou em mim o desejo de continuar incentivando as crianças a ter o hábito de ler, pois percebi que em alguns faltava a oportunidade de ler, alguns nunca havia tido o contato com livros literários e, eles ficavam deslumbrados com os livros. Então fomos em busca de livros de gêneros variados a fim de chamar a atenção de todos. Foi uma experiência totalmente nova e muito gratificante.*

Entrevistado 6:

R. 1: *O projeto Colmeia Literária contribuiu para o meu letramento literário proporcionando a vivência teoria e prática concomitantemente, pois com o projeto aprendíamos a importância da leitura, do ato de ouvir e contar histórias, nos proporcionou a experiência de sermos mediadores de leitura e contadores de histórias para um público diversificado, uma ação tensa e ao mesmo tempo enriquecedora.*

R. 2: *Práticas e teóricas, porque estudávamos a teoria para subsidiar nossa prática durante o projeto. Os diversos textos teóricos que lemos nos auxiliou, nos preparou para atuarmos em público, como por exemplo no modo como abordávamos o público, o modo como contávamos as histórias, tudo isso partiu da teoria, de nossos estudos teórico na sala de aula.*

Entrevistado 7:

R.1: *O Projeto Colmeia Literária contribuiu para o meu letramento literatura como inspiração e incentivo a novas leituras.*

R. 2: *Sim! Com certeza trouxe as duas experiências, até mesmo porque é muito difícil dissociar teoria e prática, sendo que, uma depende muito da outra. Não tem sentido desenvolver um projeto sem significado e o significado desse era levar leitura, estimular o ato de ler às pessoas.*

R. 3: *Sim! Porque pude perceber na prática, que a leitura não está restrita a sala de aula a leituras obrigatórias, mas está no prazer e na oportunidade de ler ou até mesmo de ouvir histórias contadas que estavam escondidas lá no inconsciente de muitas pessoas.*

R. 4: *Nosso público foi muito especial, eram pessoas idosas e com bastante restrições físicas, mas percebemos que no decorrer do projeto elas atuaram de maneira muito positiva, participaram das rodas de leituras, arriscaram até a contar histórias de suas infâncias. E essa experiência foi muito importante para que pudéssemos perceber a importância da leitura na vida das pessoas. E que esse estímulo deve estar associado ao trabalho constante do professor.*

.

Entrevistado 8:

R. 1: *O projeto Colmeia Literária contribuiu para o meu letramento literário proporcionando a vivência entre a teoria e a prática concomitantemente, pois com o projeto aprendíamos a importância da leitura, do ato de ouvir e contar histórias, nos proporcionou a experiência de sermos mediadores de leitura e contadores de histórias para um público diversificado, foi uma ação tensa, mas ao mesmo tempo, enriquecedora.*

R. 2: *Práticas e teóricas, porque estudávamos teoria para subsidiar nossa prática durante o projeto. Os diversos textos teóricos que lemos nos auxiliou, nos preparou para atuarmos em público, como por exemplo, no modo como abordávamos o público, o modo como contávamos as histórias, tudo isso partiu da teoria, de nossos estudos teóricos em sala de aula.*

R. 3: *Sim. Eu fui introduzida no mundo da leitura muito cedo, não sabia ler, mas minha mãe sempre teve o hábito de contar histórias quando eu e meus irmãos éramos pequenos, então o projeto Colmeia Literário só reforçou o meu ponto de vista sobre a leitura literária, que para mim é muito prazerosa! E ainda oportunizou-me mudar de posição, de ouvinte passei a ser contadora(mediadora) de histórias.*

R. 4: *Em relação ao público participante, percebi que aquela ação que fazíamos naquele local era algo prazeroso para eles, ficavam entusiasmado com a ação, perguntavam se íamos voltar novamente, se estávamos vendendo livros, no começo com um pouco de receio, mas depois foram caindo no ar da graça que a literatura proporciona, o de viver experiências inovadoras. Tinham crianças que disseram nunca terem ouvido uma história, e aquele momento ali era uma experiência nova e contagiosa que iriam sempre querer mais. Sim, aprendi que temos que saber mediar a leitura, pois dependendo do nosso público, cada um tem o seu modo de ouvir as histórias, como por exemplo se for uma criança pequena ela não vai se interessar por uma simples leitura de uma história, mas para prendermos sua atenção e despertar seu interesse temos que contar as histórias articulando, gesticulando os acontecimentos, entre outros aprendizados.*

Entrevistado 9:

R. 1: *O projeto Colmeia Literária contribuiu para os aperfeiçoamentos teóricos vistos em sala de aula. O projeto possibilitou uma conexão entre os estudantes da Universidade Federal do Tocantins (UFT), fora da esfera do campus e dessa maneira a comunidade e os estudantes foram beneficiados pelo anteprojeto de textos literários.*

R. 2: *O projeto me trouxe a oportunidade de colocar em prática todas as teorias, assim nos viabilizando de ter nosso primeiro contato no campo da licenciatura.*

R. 3: *Além de me proporcionar novas experiências, me engajou em novas seleções de textos literários fazendo com que abrisse meus novos horizontes de possibilidades e aprendizagens.*

R. 4: *Os resultados obtidos foram interação em diferentes aspectos, no campo da leitura e da oralidade dos alunos. Dessa maneira despertando a curiosidade e o entusiasmo pela leitura literária.*

Entrevistado 10:

R. 1: *Ele me ajudou a descobrir e entender como mediar a leitura dos alunos, escolher as obras. Eu também reconheci o valor dos livros literários.*

R. 2: *Nos tínhamos que estudar a teoria antes de ir realizar a prática, então aprendíamos como deveríamos lidar com os alunos, como funcionavam os círculos de leitura, e como era que tinha quer ser realizada a leitura, não era de qualquer jeito, só depois íamos realizar as atividades. Dessa forma a gente pôde ver a teoria e a prática e trabalhar com elas.*

R. 3: *Sim. Eu percebi o quanto a leitura por si só.... ler bem, ter o hábito de ler desenvolve o aluno, principalmente quando é criança. E que não é uma coisa de outro mundo para eles, se incentivar a leitura eles acabam por desenvolver o gosto pelos livros, então não vão achar a leitura e a literatura uma coisa chata quando estiverem adultos.*

R. 4: *Sobre os alunos, ao longo do projeto, percebi que eles ficaram mais interessados, eles perceberam que estávamos nos dedicando realmente, então eles estavam mais dedicados também. Vou levar para minha profissão que nós professores temos que nos dedicar nas tarefas que formos fazer, para que os alunos entendam a importância de cada coisa, se dedicar aprendendo sobre o assunto para explicar bem e se empenhando para eles fazer da melhor forma, seja criando regras.*

Entrevistado 11:

R. 1: *Primeiramente me ajudou a entender o que era literatura, e como lidar com ela na minha posição de professora, e de participante do projeto. Eu tive que participar da escolha dos livros, do conteúdo adequado para cada idade, e aprendi a valorizar essa leitura de modo que ao ler um conto ou qualquer outra história eu permitisse que os alunos recriassem suas próprias versões ou tivessem interpretações diferentes sem que isso fosse visto como algo que desvalorizasse o texto.*

R. 2: *O projeto trouxe contribui com teoria e prática. As duas coexistiram o tempo todo, visto que era preciso estudar o funcionamento do projeto para depois pôr em prática. Além disso a professora também nos orientava quando era preciso.*

R. 3: *A principal lição que o projeto me trouxe foi que o contato e o hábito de ler livros, pode se tornar tão comum como qualquer outro. Entendi que ler literatura é confundido com uma coisa chata, fora de moda, sem espaço, aprendi que não é verdade.*

R. 4: *Sobre os alunos, deu para ver que a maioria acabou gostando da proposta, e interagindo da melhor forma. Ao longo do curso eu pude perceber que trabalhar leitura e*

literatura com os alunos nem sempre é fácil, alguns não vão gostar, mas o projeto, ele trouxe uma confirmação bacana, a gente vê que nunca vamos agradar e incentivar de verdade todos os alunos, mas se alguns deles aprenderem a gostar e aprender com aquilo, vai ser gratificante, porque trabalhar com literatura abre horizontes, facilita muita coisa no futuro.

Entrevistado 12:

R. 1: *O CL ajudou muito, primeiramente porque ele foi, digamos assim a principal parte da disciplina de letramento literário, e antes dela e do projeto eu nem sabia o que significava letramento, e nem letramento literário.... mesmo sendo uma coisa que o professor precisa saber e vai lidar muito com isso. Foi a base, assim, para eu saber o que significava, como fazia, os benefícios. Junto com a disciplina né?! Porque aí a gente aprendeu lendo e fazendo.*

R. 2: *As duas coisas. Antes de começar o projeto a gente foi preparado né?! A professora trabalhou a teoria, aí só depois que colocamos em prática. A gente pesquisou, leu e só depois fomos para a rua. Aí é o que eu carrego, mesmo estando formada, eu não vou estar preparada para o que der e vier, vou ter que fazer como fiz lá, sentar-se e pesquisar e ver na teoria, para depois eu aplicar na prática da melhor forma.*

R. 3: *Eu já sabia que a leitura era muito importante, mas nunca tinha lidado assim na realidade com essa situação. Porque algumas pessoas ignoravam nosso grupo e os livros a literatura nem sempre é uma opção boa para as pessoas, como o celular, praticar esporte... o projeto me mostrou a realidade nua e crua, que é preciso uma coisa para chamar a atenção as vezes, porque mesmo sabendo que ler é importante para a criança aprender, até os adultos, as pessoas colocam em último lugar na vida.*

R. 4: *O público era assim, você tinha que convidar para participar né?! Porque algumas pessoas não paravam, só olhavam mesmo. Mas se fossemos falar com eles, eles davam parabéns pela ação da gente. Mas era visível assim que algumas pessoas nem consideravam a ideia de ler um livro. Parece que acham uma coisa de outro mundo, aprendi que se as crianças não forem incentivadas a ler desde cedo, vai aumentar essa situação. Mas eu me considero com mais postura, eu tive que falar, que ler é bem pra pessoas... aprendi deixar a vergonha de lado.*

Entrevistado 13

R. 1: *Contribuiu, porque eu aprendi a ler, a contar histórias para o aluno e a ouvir também, antes da disciplina e do projeto eu ia falar para ele que tinha que ler e interpretar do jeito certo, mas a literatura não é assim, não existe só uma maneira de ver.*

R. 2: *Práticas e teóricas, estudamos primeiro para pôr em prática.*

R. 3: *Foi uma experiência nova, montar um círculo de leitura e ler e escolher os livros, para depois levar para a rua, e ter que agir sozinho sem o professor, só com os colegas. É uma sensação de ter mais autonomia, foi um tempo curto que realizamos as atividades na prática, mas exigiu muito esforço, tudo isso conta na formação da gente, aprender agir e lidar em situações parecidas. Interagi também com as crianças e elas eram carentes de atenção e educação, foi um trabalho de professor mesmo.*

R. 4: *Quando o projeto encerrou eu fiquei triste de ver que as crianças ficaram carentes das atividades, com o decorrer do tempo o projeto não ficava mais só no espaço do grupo de leitura, elas levavam para casa, eu vi o quanto pode significar a leitura na vida delas, se for trabalhada da forma correta. Como professor eu vi que a escola não consegue muitas vezes fazer seu papel direito, então esse tipo de projeto ajuda muito, tem coisas que dá para levar até para dentro da sala de aula.*

Entrevistado 14:

R. 1: *Para mim o projeto contribuiu com uma visão nova da sala de aula, da literatura e do quanto essa arte pode ser magnífica, pois foi minha primeira experiência com crianças de seis anos. Dessa maneira, o meu letramento literário transcendeu as paredes da universidade, da escola, indo de encontro com a vida propriamente dita.*

R. 2: *O projeto contribuiu com o entendimento do que é letramento literário, pois saímos da ideia de que a teoria e prática são coisas distintas, unindo-as nesse projeto.*

R. 3: *O projeto trouxe novas experiências tanto com o alunado quanto na forma do fazer literário, pois tive que trabalhar de forma lúdica, adaptando histórias e a língua para que as crianças gostassem das histórias. Quanto ao meu ponto de vista sobre a leitura literária, por que sempre tive uma enorme paixão, não houve grandes mudanças, apenas mais paixão.*

R. 4: *Quanto ao público, um dos resultados foi a interação da turma entre si, eles conversavam mais um com os outros, estimulavam os colegas que tinham dificuldade. Meu aprendizado nesse projeto foi em torno do ser professor, de como as práticas devem ser diferentes para os pequenos etc.*

Entrevistado 15:

R. 1: *Eu participei do projeto e escolhi o público infantil para incentivar a leitura. Esse projeto foi uma experiência incrível, onde pudemos na prática ter o contato com as crianças que não tem incentivo para ler em casa, então foi um jeito da gente aprender com a situação.*

R. 2: *As duas.*

R. 3: *Para mim o projeto Colmeia Literária possibilitou que eu entendesse que exercer a profissão docente é um desafio porque mesmo os alunos de series avançadas, nem todos tem domínio da leitura. Muitos passam sem saber ler não tem incentivos em casa, então pelo menos em minha didática eu ficarei em leitura e interpretação de textos.*

R. 4: *Acredito que de uma certa forma, o período em que executamos esse trabalho, muitas crianças perceberam a importância de ler. É preciso que tenha mais projetos assim, a literatura é algo tão incrível, é como fazer com que as crianças desfrutem de suas imaginações, pois hoje com computadores, celulares e tablets, as crianças ficam distantes dos livros.*